



# Trajetórias de dois senegaleses entrelaçadas pelo sonho migratório

MARGARITA ROSA GAVIRIA MEJÍA

**TRAJETÓRIAS DE DOIS SENEGALESES  
ENTRELAÇADOS PELO SONHO MIGRATÓRIO**

MARGARITA ROSA GAVIRIA MEJÍA  
(ORGANIZADORA)

**TRAJETÓRIAS DE DOIS SENEGALESES  
ENTRELAÇADOS PELO SONHO MIGRATÓRIO**

1ª Edição

Quipá Editora  
2023

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

T768 Trajetórias de dois senegaleses entrelaçadas pelo sonho migratório /  
Organizado por Margarita Rosa Gaviria Mejía. — Iguatu, CE : Quipá Editora,  
2023.

63 p. : il.

ISBN 978-65-5376-272-5

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-272-5

1. Migração. I. Mejía, Margarita Rosa Gaviria. II. Título.

CDD 304.8

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada em dezembro de 2023

Quipá Editora  
www.quipaeditora.com.br  
@quipaeditora

## PREFÁCIO

A delicada e sensível obra das pesquisadoras Margarita Rosa Gaviria Mejia e Maria do Carmo dos Santos Gonçalves é um convite para se conhecer aspectos mais cotidianos da migração, nos quais se pode observar o movimento de indivíduos historicamente situados, grupos, famílias, redes e coletivos. Neste livro, ambas as autoras se propõem a escrever sobre a migração de perto e junto, em coautorias. Os capítulos nos trazem vozes próprias, de migrantes, que nos possibilitam transitar entre subjetividades e “objetividades”, por questões micro e macroestruturais e também pelas complexidades, alegrias e desafios das relações pesquisadores/pesquisados. Olhar e ouvir de perto (e bem de perto) e também de longe pressupõe que as dinâmicas se apresentem e sejam narradas em suas contradições e confluências. Pois, assim é a vida. E o caminho dos migrantes para serem reconhecidos em sociedades tão diversas das suas, por vezes. Tornar tais contextos e particularidades em escrita e em coautoria é um desafio. As autoras foram muito felizes neste exercício. A obra é rica, responsável, delicada e nos apresenta o complexo jogo social entre individualidades e lugares de sujeitos coletivos, como os migrantes no contexto contemporâneo brasileiro.

Sermos apresentadas às trajetórias de vida de Mor Ndiaye e de Tamsir Thiam é um privilégio. As diversas vozes que se inter cruzam na narrativa escrita da obra nos permitem, igualmente, refletir acerca do vínculo epistemológico que se estabelece entre os migrantes e os campos com os quais interagem, tais como o campo religioso, científico, econômico, cultural, político, jurídico (e legislativo), entre outros. São muitas vozes que nos são dadas a conhecer. Numa multivocalidade de elementos que possibilitam, igualmente, transitar entre símbolos, corpos, emoções, existências e a crueza dos mundos do trabalho contemporâneo, que exige tantas aprendizagens em velocidades sem precedentes. E, igualmente, nas questões das temporalidades que, para os migrantes, impõe-se com um ritmo veloz: para aprender a língua e linguagens do país de destino; para conhecer e compreender as legislações e regras que possibilitam interagir e transitar minimamente e sem temores; para se ter acesso às documentações que permitem o acesso ao mundo do trabalho mais ampliado; para se fazer conhecer e reconhecer nas diversidades. Enfim, há, nesse tempo e espaço, vidas que configuram nos palcos da cidade, das ruas, das casas, das lojas, das feiras, dos espaços religiosos, dos serviços públicos e privados. E, nisso tudo, os ciclos da vida se processam.

Pela obra podemos andar pelas ruas de Caxias do Sul, Lajeado, São Paulo, do Senegal e outros lugares apresentados pelas narrativas. Entramos na Loja de Mor e nos sentimos ali presentes, vendo pessoas e objetos. Podemos, também, pelas narrativas Mor Ndiaye e de Tamsir Thiam observar questões tão violentas e desiguais da sociedade brasileira, tais como: o racismo, os preconceitos por

questões de classe, de gênero, do desconhecimento das diversidades e as estigmatizações que se impõem na vida cotidiana. Trata-se de um diálogo reflexivo que nos é possibilitado pela obra, afinal, os migrantes, ao falarem de si, de seus projetos migratórios, falam também de um nós, de interações e convívios que se desdobraram no Brasil, na sua historicidade e geopolítica. Afinal, quando se cruzam fronteiras geográficas e simbólicas, o que mais se cruza? O que atravessa aquele que atravessa as fronteiras?

As autoras estão de parabéns pela iniciativa, pela qualidade do texto e pela imensa contribuição que obras escritas coletivamente oferecem aos estudiosos das migrações no Brasil (e em nível mundial).

Maria Catarina Chitolina Zanini  
Professora Titular Departamento Ciências Sociais (UFSM)

## APRESENTAÇÃO

A relevância de uma trajetória de vida não está na singularidade do indivíduo (Manica, 2015), mas na possibilidade de estabelecer relações com desdobramentos narrativos que conectam “eventos e afecções, incorporando e germinando significações e valores” (Kofes, 2015, p. 34-35). Seguir uma biografia pode revelar as “justaposições de contextos sociais que ficam invisíveis nos estudos mais estruturais dos processos” (Manica, 2015, p. 41). O relato biográfico ancora-se na experiência etnográfica que leva em consideração como se entrelaçam fatores estruturais e fatores subjetivos (Marinucci, 2019).

Optar pelo método de história de vida permite acessar a experiência vivida de ser migrante e o contexto cultural em que se decide a fazê-lo. Nos testemunhos, o sujeito migrante constrói, reinventa, sintetiza e mistura constantemente identidades, provocando ambivalências (Brettell; Hollifield, 2015). Como aponta Javier Marias (2014), das narrativas fazem parte os pontos cegos, as contradições, sombras e falhas envolvidas na penumbra ou na obscuridade.

Uma história de vida não é um relato coerente fundamentado numa ordem cronológica com significação e direção determinadas. É descontínua. Não é possível estabelecer conexão de causa e efeito entre os acontecimentos para lhe dar coerência à narrativa biográfica (Bourdieu, 1986). O possível é configurar as narrativas de acordo com temas e dentro deles selecionar um fio condutor (Kofes, 2015). Neste caso, o tema é a migração, e o fio condutor é o projeto migratório de dois biografados. Projeto construído em torno de situações de mobilidade e de imobilidade abordadas com base em experiências narradas que levam em conta as ações e os agentes. Fundamentadas nesses postulados, nestas biografias vamos tratar de situações de mobilidade e de imobilidade configuradas em acontecimentos e em atuações dos agentes, os biografados e àqueles com quem eles estabelecem relações.

Uma aproximação inicial a essas histórias de vida revela que inúmeros fatores vinculados ao status legal, à família e aos contextos econômicos e culturais afetam a vida dos migrantes. Nesse sentido, os fatores de mobilidade e de imobilidade que definem os diversos movimentos e as permanências do migrante são direcionados por questões de ordem jurídica, econômica, familiar e religiosa, que se entrecruzam. De acordo com as questões que dão cimento às mobilidades e permanências do migrante, e considerando a interface entre elas, apresentamos as narrativas biográficas dos senegaleses **Mor Ndiaye** e **Tamsir Thiam**, que chegam ao Brasil na primeira década dos anos dois mil com o sonho de realizar seus projetos migratórios.

A biografia de **Mor Ndiaye** a dividimos em três partes. A primeira trata de políticas públicas nacionais que regulam as migrações internacionais, o suporte das redes sociais, locais e transnacionais, e as demandas do mercado de trabalho. Três vetores das mobilidades presentes na trajetória de Mor Ndiaye. A segunda parte aborda as mobilidades lideradas por Mor em diversas frentes, na Loja Casa Bamba, nas negociações entre a prefeitura e os vendedores de rua, na empregabilidade dos conterrâneos, nos eventos religiosos e na agência de outros migrantes. E a terceira parte discorre sobre a família como eixo estruturante das mobilidades físicas e sociais em diversas fases da vida do biografado, na infância, na adolescência e no casamento, no âmbito do qual se sintetizam as relações de gênero e a articulação entre as esferas produtivas e reprodutivas.

A narrativa de **Tamsir Thiam** é organizada em tópicos designados de Notas Biográficas, elaboradas pelo autor e a coautora. O processo de co-autoria se desenvolveu a partir do interesse comum dos autores pelas histórias de vida de senegaleses que migraram para o Brasil no contexto da inclusão da América Latina como destino ou trânsito de migrantes senegaleses para outros países. O material produzido pelos autores tem como uma de suas fontes os escritos das memórias de Tamsir, inicialmente escritas por ele em francês e posteriormente traduzidas ao português por uma tradutora juramentada que, sensibilizada com a história deste senegalês, se dispôs a fazer as traduções. A outra fonte foram os dados biográficos de uma entrevista narrativa realizada pela co-autora em 2016 com Tamsir. A maneira introdutória, o texto começa destacando a autodenominação do biografado como emigrante, na qual subjaz a ênfase no elo com o país de origem que se desdobra ao longo das vivências migratórias, ressignificando sua situação social. Narrativa na qual retoma sua trajetória de vida, antes e depois de construir um projeto migratório costurado entre tensões sociais e individuais. A Nota 1, refere-se ao contexto familiar no qual cresce e que lhe proporciona uma educação com aprendizagem de língua francesa, conhecimento que se torna um recurso de mobilidade social. A Nota 2, relata sua experiência quando se muda para a capital do Senegal, onde depois de conseguir sua estabilidade financeira é seduzido pelo sonho de migrar para o Brasil. Nota 3. Narra o percurso e os percalços que vivenciou no caminho de entrada ao Brasil, os lugares pelos quais passou e os fatos que ocorreram nesse trajeto. Nota 4. Descreve a viagem que fez depois de ter a documentação necessária para atuar no Brasil e a chegada a Caxias do Sul, onde se estabeleceu. Nota 5. Discorre sobre sua procura por trabalho, a ansiedade que sofreu nesse processo de busca e as dificuldades que sofreu no primeiro emprego, evento lembrado como um mar de frustrações e de lesões no corpo.

A maneira de considerações finais, encerramos o livro com um texto no qual discorreremos sobre a dimensão do trabalho como um fator de mobilidade física e social dos migrantes senegaleses, tomando como base diversas produções teóricas sobre o tema. Como perpassa nos relatos biográficos



destes senegaleses, o trabalho é compreendido nas experiências migratórias como a ferramenta principal para melhorar as condições de vida dos migrantes e de suas famílias.

Margarita Rosa Gaviria Mejía

Autora-organizadora

# SUMÁRIO

**PREFACIO**

**APRESENTAÇÃO**

**CAPÍTULO 1** **10**

BIOGRAFIA DE MOR NDIAYE

*Margarita Rosa Gaviria Mejia*

*Mor Ndiaye*

*Candida Arend*

**CAPÍTULO 2** **43**

THIAM: NOTAS DE VIAGEM DE UM EMIGRANTE SENEGALÊS\*

*Tamsir Thiam*

*Maria do Carmo dos Santos Gonçalves*

**CAPÍTULO 3** **52**

O TRABALHO NA MIGRAÇÃO SENEGALESA

*Margarita Rosa Gaviria Mejia*

*Maria do Carmo dos Santos Gonçalves*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** **59**

## CAPITULO 1

### BIOGRAFIA DE MOR NDIAYE

*Margarita Rosa Gaviria Mejía,  
Mor Ndiaye  
Candida Arend*

#### **POLÍTICAS PÚBLICAS, REDES SOCIAIS E MERCADO DE TRABALHO ESTIMULAM A MOBILIDADE INTERNACIONAL**

As políticas públicas nacionais que regulam as migrações internacionais, o suporte das redes sociais, locais e transnacionais, e as demandas do mercado de trabalho são três vetores das mobilidades atuantes na trajetória de Mor Ndiaye.

Mor, assim como muitos senegaleses, se mobiliza para o Brasil na primeira década dos anos 2000 favorecido por uma conjuntura política jurídica gestada tanto no contexto europeu quanto no brasileiro. Por um lado, ele é afetado pelas políticas migratórias europeias que colocam empecilhos para a entrada de estrangeiros, dificultando a obtenção do visto. Em seu caso, seu desejo de ir para a Itália aonde moravam duas primas e cunhadas (irmãs da esposa) é frustrado. Desejo que surge quando seu negócio comercial em Dakar começa a ir mal, devido a uma crise. A migração representa nesse momento da vida um meio para melhorar a condição de vida (Jung, 2019) dele e de sua família. Os altos índices de desemprego no Senegal e a ampliação do mercado de trabalho no Brasil se compaginam para estimular a Mor a se envolver num projeto migratório que de modo geral conta com o apoio de membros da família. Dele participa não apenas Mor ao migrar, mas os familiares que permaneceram no Senegal. Sua mobilização física para o Brasil não significa uma ruptura com seus vínculos no Senegal, aonde deixou sua esposa um ano após o casamento, em 2006.

Por outro, nesse mesmo contexto histórico, o Brasil ocupa uma posição política de destaque internacional, não apenas por sediar eventos internacionais, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016, mas por sua expansão econômica e tecnológica que propicia a abertura do mercado de trabalho e a facilidade para obter o visto aos migrantes (Tedesco, 2017; Heredia; Gonçalves, 2017). Conjuntura que permitiu que o visto de Mor, solicitado na embaixada brasileira em Dakar, fosse aprovado em poucos dias.

A agência e a racionalidade da pessoa no momento de migrar está cotada pelas condições estatais (Finn, 2019). No balance que um migrante como Mor faz das possibilidades de se mobilizar *para e no* Brasil, ele reconhece o protagonismo do Estado na migração internacional. A liberalização das políticas migratórias brasileiras no início do século XXI atraiu a entrada ao Brasil de migrantes como Mor que viajam para o Brasil com uma imagem de um país pobre, onde os índios passam fome, famoso por seus jogadores de futebol. Retrato veiculado pelos meios de comunicação em Senegal. Nesse desejo de mobilidade perpassa uma cultura de migração definida pela vontade de vivenciar novas experiências e de conhecer outros países (Jung, 2019).

Estando em Brasil, os senegaleses se mobilizam mediados por redes sociais, familiares, de vizinhança, religiosas, étnicas ou uma combinação desses elementos (Fall; Gamberoni, 2019). As redes conectam pessoas entre vários lugares e desempenham um papel central na transmissão de informações sobre oportunidades e obstáculos que podem promover ou dificultar a mobilidade. Muitas dessas redes nas que os senegaleses têm vínculos estão espalhadas por diferentes cidades do Rio Grande do Sul, estado com maior concentração de senegaleses no Brasil, seguido por Paraná e São Paulo (Jung, 2019). Nas redes sociais das que Mor faz parte, ele obtém conhecimentos dos recursos que os países e as cidades oferecem para desenvolver seu projeto migratório. Conhecimento que o leva a cruzar fronteiras nacionais e transnacionais no Brasil e na Argentina. Ele não se orienta por um plano linear prévio (Jung, 2019), mas por informações e acontecimentos que vai obtendo no caminho. Aberto a mudanças vai se mobilizando por diversos espaços nacionais e internacionais, identificando as possibilidades e os limites. Processo que inicia na passagem do milênio até 2012. Trajetória similar à de muitos migrantes senegaleses na primeira fase desse fluxo migratório.

Os percursos dos migrantes são condicionados pelas oportunidades que as cidades oferecem, determinadas por seu posicionamento em conexão com relações transnacionais (Glick-Schiller, Çaglar, 2011). Para compreendermos os diferentes processos de incorporação de migrantes ao ordenamento nacional devemos levar em conta a “escala de cidade” como instância de mediação entre perspectivas focadas nas relações transnacionais dos migrantes, na economia e na política nacional, e nas redes que interligam migrantes e a sociedade local (Feldman-Bianco, 2009).

A migração de Mor para América do Sul e sua trajetória na Argentina e no Brasil evidencia que seu trânsito ocorre por espaços que atendem seu interesse na empregabilidade e nos benefícios que as localidades apresentavam para a realização de seus projetos. Assim como outros migrantes senegaleses, Mor desenvolve a capacidade de “saber migrar” e “saber circular”, quer dizer, “de mobilizar sua rede migratória, seu conhecimento e a implementação de estratégias alternativas para se

mover, migrar e circular”( Espiro, 2019, p. 82). Os caminhos trilhados por Mor mostram que estes não se definem apenas por mudanças de localidade na sua experiência migratória, senão pelos objetivos que perpassam seus projetos e as ações dos atores implicados no “campo de atenção às migrações” (Jardim, 2017) na América do Sul.

Em 2007, no Brasil, as primeiras cidades em que pousou, porque estavam na rota de chegada, foram Ceará, em Fortaleza, onde esteve uns três dias, mas não teve nenhum contato com migrantes, nessa época não haviam senegaleses nessa cidade. A segunda cidade por onde passou foi São Paulo. Ali esteve uma semana hospedado num hotel e obteve informação, através dos vínculos em suas redes sociais, de que no sul do Brasil havia demanda de mão de obra. Decidiu viajar para Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, onde haviam senegaleses, mas não eram conhecidos seus. Hospedou-se num hotel no dia que chegou, 11 de janeiro de 2007, e ficou aproximadamente 20 dias. Em Passo Fundo obteve informações que circulam nas redes acerca das vantagens da Argentina como espaço de circulação de mercadorias, pessoas e dinheiro. Soube que a prática do comércio ambulante seria mais fácil lá do que no Brasil, a comunidade senegalesa estava mais bem estruturada, além de que ali tinha dois amigos seus do Senegal. Atravessou a fronteira entre Brasil e Argentina de maneira irregular porque o visto obtido em Dakar lhe dava direito a entrar apenas ao Brasil, e o Senegal carecia de representação diplomática Argentina.

A primeira localidade onde se estabeleceu na Argentina foi em Mar de Plata. Ali encontrou um amigo do Senegal e outros conterrâneos que o acolheram mesmo sem conhecê-lo, tornando-se amigos. As relações de amizade que ele estabeleceu nesses anos em que morou na Argentina as preserva até hoje, mantém comunicação com alguns daqueles senegaleses com quem compartilhava a casa. A amizade e a origem comum são evocadas como fatos que direcionam a mobilidade física, reforçados com a possibilidade de encontrar espaços de atuação econômica.

A possibilidade de Mor atuar no comércio de rua, numa cidade em que esta atividade era produtiva, o levou a se mobilizar para Mar de Plata, Argentina. Nessa cidade ele se dedicou ao comércio na rua até 2011, durante as “temporadas”, categoria usada em espanhol para definir o verão, primeiros meses do ano até a Páscoa, para onde se deslocam os argentinos nesse período.

Fora da temporada, Mor permanecia em Buenos Aires. Nesses meses vendia nas feiras ou no comércio de rua em Buenos Aires e no centro da cidade de La Plata. Uma outra atividade econômica que desempenhou na capital da Argentina foi colocar anúncios de publicidade nas ruas. Estas atividades produtivas realizadas por Mor na Argentina aconteciam dentro da informalidade, não tinha vínculo de trabalho formal.

A interferência de tratados jurídicos na mobilidade de Mor é manifesta em 2011. Ele saiu da Argentina para visitar a família no Senegal, antes de chegar ao país natal ficou quarenta e cinco dias em Passo Fundo, RS, Brasil, para regulamentar a documentação brasileira. Depois da estadia em Senegal, no retorno para a Argentina fez uma parada em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, e acabou ficando nessa cidade para aproveitar os benefícios da lei de amnistia aos migrantes de 2009. O decreto Nº 6.893/2009, Lei 1.664/2009 regulamenta a residência de mais de 40.000 migrantes que entraram no Brasil até fevereiro de 2009 e residiram ilegalmente no Brasil (Jung, 2019). Nessas circunstâncias, Mor optou por permanecer em Brasil, não voltar para Argentina, disse que “no Brasil estava mais fácil conseguir documentação do que na Argentina”.

A experiência migratória de Mor revela como os tratados internacionais, leis e mudanças legais e exigências documentais interferem em itinerários e escolhas migratórias. Fato que vai ao encontro das teorias que apontam que as tecnologias de governamentalidade conduzem os fluxos de vida, e que a migração não é um projeto com todos os elementos controlados pelos sujeitos da migração (Jardim, 2017).

Ao acompanhar por três anos o movimento de Mor para melhorar sua vida e a de seus conterrâneos, percebemos a interferência dos documentos brasileiros em sua vida em diversas situações. Uma delas é o empenho por tirar a carteira de habilitação brasileira para dirigir carro, deseja comprar um veículo para lhe facilitar sua participação nas feiras municipais. Apesar de ter feito o curso e de passar nas provas teóricas, ainda não foi aprovado. Ao mesmo tempo, tem se mobilizado para obter a cidadania brasileira. Na primeira vez que tentou, em 2017, não conseguiu porque não tinha o comprovante da prova de proficiência na língua portuguesa exigido. Em 30 de setembro de 2019 obteve o certificado CELIP EIO (Certificado Internacional da Língua Portuguesa – expressão e interação oral) da Universidade de Caxias do Sul, necessário para se naturalizar e realizar um de seus sonhos que é viajar por diversos países, acha que a naturalização vai lhe possibilitar.

O conhecimento da língua se coloca como um elemento de mobilidade social, ajuda a superar barreiras linguísticas e burocráticas. Em Argentina, Mor fez curso de espanhol e obteve um certificado que guarda com muito esmero. O conhecimento que ele tem da língua espanhola o evoca constantemente ao falar misturando palavras do espanhol e do português.

Os certificados representam objetos que transformam a entidade dos sujeitos que os portam, abrem um campo de expectativas, objetivos e práticas de distintos atores (Rodrigo, 2019). A regularização através de documentos o inscreve no campo de visibilidade das instituições. Estando em Lajeado, cidade do RS onde mora desde 2014 até hoje, Mor realiza diversos cursos profissionalizantes

de curta duração. Um no Senac de 36 horas sobre Gestão administrativa, realizado entre 27 de agosto e 12 de novembro de 2019. Nos Cursos Profissionalizantes Prepara de Lajeado fez Curso de Montagem e Manutenção, e duas oficinas, uma de Formato e Instalação de Windows (em 17 de agosto de 2019) e outra em Marketing Pessoal (19 de outubro de 2019). Ao finalizar esses cursos obteve certificados que funcionam como mediadores, pontos de conexão com seus projetos.

Nesse sentido, dando apoio aos migrantes na consecução da documentação pode ser interpretado como forma de acesso a práticas e direitos de cidadania. Em sua luta por dar sentido a sua estadia em Lajeado, se apropriando da localidade e transformando-a num lugar social, afeta e é afetado pelas configurações sociais e materiais da cidade. A essas experiências e práticas, conforme Escobar (2010), podemos nos referir como um processo de “fazendo lugar”. Desta ótica, o lugar não é localização física, é um nó relacional, não é fixo, mas obtém significado e é produzido de maneira contínua por quem o habita, incluso quem o habita temporariamente (Winters, Reifen, 2019). A especificidade de cada lugar é o resultado da mistura de relações, práticas e trocas que se entrelaçam dentro de um nó e é produto também do que se desenvolve como resultado desse entrelaçamento (Massey, 2004). Desta perspectiva, ao pensar a migração foca-se na situação das pessoas migrantes, não na mobilidade. Em analisar como formam e transformam os lugares onde se encontram (Reiffen, 2019).

## **MOBILIDADES PERPETRADAS PELA LIDERANÇA DE MOR**

Em Lajeado Mor tem sobressaído como liderança, papel que já desempenhava quando estava em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, e auxiliava à equipe do CAM (Centro de Atendimento ao Migrante) na intermediação entre senegaleses e empresários na procura e demanda de mão de obra. Na ocasião, conseguiu que seu amigo senegalês, Bouba, fosse contratado por um empresário de Roca Sales (RS), que precisava de trabalhadores no curtume. Empresa da qual aos quatro meses o amigo saiu porque o chefe não cumpriu a promessa de melhorar a situação após os três primeiros meses. Bouba se mudou para Lajeado e meses depois o Mor chegou, a partir daí eles mantêm um relacionamento estreito.

Em Lajeado a liderança de Mor nas mobilidades dos migrantes se expressa em diversas frentes: no empreendimento comercial Casa Bamba, na mediação entre a prefeitura e os migrantes no comércio de rua, na participação na empregabilidade de seus conterrâneos em frigoríficos, na organização de eventos culturais vinculados à religião muçulmana, no acesso à agência de outros migrantes.

## NA LOJA CASA BAMBA

Em 2011 Mor migrou para a serra gaúcha no Rio Grande do Sul. Trabalhou em Caxias do Sul na empresa Seara Alimentação, numa sala de produção de peru. Tinha por função tirar osso, separar as peças. Essa relação de trabalho finalizou quando a Seara Alimentação foi comprada pela JBS e a nova empresa modificou as condições de trabalho. Parou de oferecer alojamento e alimentação aos migrantes. A Seara Alimentação alugava a casa e pagava a luz nos locais onde os senegaleses moravam, no restaurante da empresa os migrantes podiam comer a qualquer hora. Já a JBS mudou as condições de trabalho, cortando essas regalias. Panorama diante do qual Mor e os outros cinco senegaleses que estavam na empresa optaram por sair.

Após essa experiência em Caxias, em 2014, Mor inicia uma pesquisa de mercado com a intenção de abrir uma loja que atendesse às necessidades dos migrantes. As duas cidades cotadas para desenvolver o projeto eram Porto Alegre e Lajeado. Seleciona Lajeado pelo amplo contingente migratório haitiano (584) e pelo fato de que nessa cidade não existiam empreendimentos comerciais destinados a atender aos migrantes contemporâneos, em especial aos haitianos e aos senegaleses que começaram a chegar à cidade nos anos de 2011 e 2012 a procura de melhor qualidade de vida para eles e seus familiares.

Um outro motivo que influencia na escolha de Lajeado é a presença de amigos na cidade. Na experiência migratória, as redes de amizade são um amplo suporte das mobilidades. Com frequência os migrantes mobilizam-se para cidades onde tem amigos estabelecidos, como o fez Mor, chegou a Lajeado onde morava Bouba. E, no âmbito das redes de amizade há hierarquias. Percebemos que os laços de amizade quando foram estabelecidos no país natal são mais fortes do que quando foram estabelecidos na diáspora. A estreita amizade entre Mor e Bouba começou em Dakar, na época em que os dois trabalhavam na venda de materiais para confeccionar sapatos, atuavam em locais situados em ruas próximas. Esta relação se sobrepõe a todas as outras relações de amizade de Mor. O simbolismo dessa relação se manifesta em que eles compartilham a mesma casa. Bouba mora com a família de Mor, a esposa e as duas filhas.

Ao chegar a Lajeado, Mor montou uma Loja na qual confluem interesses econômicos e religiosos propulsores de mobilidades de Mor e de pessoas às que está conectado. Um dos indícios dessa mobilidade é seu empenho em coloca-lhe um nome comercial com inspiração religiosa. Ele tramita o registro da Loja com o nome Casa do Bamba, em homenagem ao Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké.



O local em que fica a loja não agrada a Mor, seu desejo é mobilizar-se para uma rua mais comercial de Lajeado, mas não consegue se mudar porque os aluguéis são caros. Pondera que a localização da Loja não é favorável para seu negócio, as vendas são reduzidas. A Loja Casa Bamba está numa área periférica do centro histórico de Lajeado. Neste perímetro urbano os aluguéis dos imóveis são mais acessíveis aos migrantes senegaleses e haitianos, entre outros. A Loja é cercada por moradias de migrantes, uma delas é a de Mor e sua família, residem num apartamento a umas quatro quadras do local.

O setor onde está localizada a Loja é considerado perigoso pelos nativos. Quando circulam por esse espaço sentem-se vulneráveis aos assaltos, dos quais Mor e sua esposa foram vítimas duas vezes. O primeiro assalto foi a Mor e a outros migrantes que se encontravam na loja numa tarde de chuva. Roubaram seus celulares e o dinheiro de um deles. E no segundo assalto, sua esposa estava sozinha. Entraram entre as 15 e 16 horas, colocaram uma arma de brincadeira nela e pegaram mercadoria da loja, roupa e gorras. Paradoxalmente, os migrantes afrodescendentes (senegaleses e haitianos) em Lajeado são confundidos com bandidos, por serem *negros* e pobres. Postura explícita num dos múltiplos acontecimentos que presenciamos em que senegaleses e haitianos são vítimas de racismo. Ao entrar no elevador de um prédio onde há uma agência de viagens que presta serviço de envio de remessas de dinheiro para o exterior, da qual senegaleses e haitianos são fregueses, escutamos a exclamação agitada de um homem dizendo: “acabo de passar um susto, entrei no elevador, um negão veio correndo e eu pensei: pronto, vou ser assaltado”. Na ocasião, o migrante corria para alcançar a porta do elevador aberta.

Na Loja Casa Bamba, ao longo do tempo, Mor tem ido implementando serviços que lhe imprimem características de um espaço transnacional. Ele oferece diversos recursos tecnológicos de comunicação que possibilitam as conexões transnacionais que dão suporte a projetos migratórios de senegaleses, haitianos e outros migrantes em Lajeado. Neste espaço os migrantes dispõem de recursos humanos, tecnológicos e culturais que permitem preservar e ampliar a comunicação com as redes sociais das quais fazem parte migrantes, familiares e amigos que se encontram em seus países de origem ou em outros países. Apesar de eles estarem numa pequena cidade como Lajeado, sua experiência é influenciada por conexões transnacionais, familiares e religiosas favorecidas pelo avanço nas tecnologias da comunicação e por políticas públicas migratórias de âmbito nacional, municipal e transnacional. O transnacionalismo está presente nos lugares concretos em que os migrantes vivem suas vidas e realizam suas práticas itinerantes (Sinatti, 2008, p. 106).

A diáspora senegalesa de Lajeado encontra na Casa Bamba uma “infraestrutura da migração” na qual ocorrem “as mediações sistemáticas entre a tecnologia, as instituições e atores, que facilitam e condicionam a i/mobilidade” (Heil, 2018, p. 116). Estar em Lajeado é estar ao mesmo tempo em outros lugares de âmbito nacional e internacional, estão sempre conectados com o país de origem através das redes virtuais e dos meios de comunicação senegaleses. Mor e seus conterrâneos acessam canais de rádio e de televisão senegalês, kourelou, cheikhoul, khadim TV Etat, para ouvir cantos religiosos, assistir noticiários e novelas. Para procurar informações sobre as festas religiosas acessam o canal youtube: Toubabrasil.

Visando atender à demanda por comunicação internacional dos migrantes, ao inaugurar a Loja, Mor instalou cinco cabines telefônicas utilizadas pelos migrantes para falar com familiares que se encontram em outras nações e não têm acesso à internet. Quatro anos depois, com os avanços da tecnologia digital e de aplicativos, como Whatsapp, se reduziu a demanda por ligações nas cabines telefônicas. Fato que levou a Mor a mudar a oferta de espaços no call center, deixou apenas duas cabines telefônicas e aproveitou o espaço para exibir mercadorias.

Os elementos que Mor reúne para compor a Loja Casa Bamba são humanos e não humanos. Nesse espaço, além da circulação de migrantes de diversas nacionalidades (maior parte haitianos e senegaleses), circulam mercadorias que transpassam fronteiras nacionais. No meio das mercadorias há roupas típicas do Senegal e um objeto artesanal senegalês denominado ndiapé, saco que utilizam para se lavar quando tomam banho. “É muito fácil fazer, é coisa de brinquedo de criança, muita gente faz no Senegal”, afirma Mor.

Na Loja, Mor vende produtos variados: capinhas de proteção para celulares, bolsas, meias, luvas, toucas, roupas femininas e masculinas. O que mais compram os clientes de Mor são tênis, roupas (calças jeans) e perfumes. Trata-se de mercadorias “made in China”, segundo Pinheiro-Machado (2011), que integram uma cadeia global de mercadorias, na qual são escassos os consumidores que têm consciência da origem e do destino destes objetos que no final demarcam estilos de vida transnacional. Neste cenário, Mor desempenha o papel de mediador das relações entre os migrantes, e dos migrantes com os elementos materiais que compõem a Loja.

Para abastecer a Loja de mercadoria, Mor se desloca para São Paulo ou Porto Alegre. As viagens para São Paulo são curtas, sai por exemplo, um domingo à noite e regressa na terça feira seguinte de madrugada, como aconteceu em 22 de setembro de 2019. Em algumas ocasiões mobiliza redes de amizade, como as de seu amigo Seri que mora em São Paulo, para lhe enviar a mercadoria que está precisando. A natureza do vínculo com pessoas que tem laços comerciais a define com a frase

“é tudo irmão”. Neste contexto, *irmão* é a categoria de parentesco utilizada para expressar proximidade social nas relações, para indicar que partilham do mesmo status, denominação usada principalmente para se referir a seus conterrâneos.

Um dos propulsores do movimento gestado por fregueses na Loja é a demanda por produtos como o cartão telefônico internacional, créditos para celular, serviço de envio de remessas para o exterior, em dinheiro e espécies. Presta serviços da empresa Sévis Dirék Pou Ajan que envia alimentos não perecíveis para o Haiti. Movimento facilitado pela possibilidade de pagamento em prestações, resolvendo assim uma das maiores barreiras que os migrantes enfrentam em Lajeado, a falta de crédito nos bancos e lojas. O controle do crédito aberto aos clientes e os pagamentos, realizados no início do mês, é registrado num caderno por Mor ou sua esposa, Mame.

Em função da demanda e da rotina dos clientes, Mahomed organiza os horários de atendimento na Loja de segunda a segunda, das 8 da manhã até as 18 horas, com intervalo para o almoço em sua casa, mas as vezes compra comida pronta e almoça na Loja. Aos domingos, o atendimento na Loja é diferenciado, das 16h às 18h30min, único horário que alguns migrantes têm para fazer compras, efetuar pagamentos e fazer ligações.

Na Casa Bamba, o movimento de migrantes nem sempre é motivado pela compra de bens ou serviços. Em diversas ocasiões chegam na Loja para utilizar os celulares conectados à rede de wifi do local. Outros entram para conversar e/ou tomar o Café Touba oferecido aos fregueses e visitantes. Sendo o Café Touba uma prática cultural mobilizada pela migração senegalesa que, neste contexto, simboliza um gesto de confraternização.

Para a maioria dos amigos conterrâneos de Mor, a Casa Bamba representa um lugar de encontro, onde conversam e contam os problemas. Em algumas situações os senegaleses atuam na Loja como auxiliares no atendimento aos fregueses, e também observamos que alguns vendem suas mercadorias no comércio ambulante de Lajeado. Comenta que é difícil ele receber ajuda de seus amigos na loja, acontece às vezes, mas só por poucas horas. Ele não gosta porque o negócio é só dele, ninguém sabe como funciona nem os preços. Mame, sua esposa, sim ajuda, mas tem algumas coisas que ela não sabe, porque ele não coloca os preços nas mercadoras, “eu jogo com os preços, sei qual é o valor mínimo” disse.

A confraternização não é o único dinamizador das relações de Mor com seus clientes. Também é movido por tensões, como acontece quando na hora da compra estes regateiam os preços das mercadorias. Diante do qual ele cede e diminui o preço, considerando qual é o valor mínimo que pode

cobrar pelos produtos sem perder. Tem domínio sobre essas negociações, conhece o “modo de fazer” (De Certeau, 1984), a prática de apostar e recuar (De Cássaro; Zanini, 2019).

Uma das questões percebidas em nossa imersão no mundo dos senegaleses em Lajeado, através da vida de Mor, é que as atividades de trabalho nessa experiência migratória, ao igual como tem sido apontado em outras pesquisas no Rio Grande do Sul, são perpassadas por fundamentos religiosos. Para seus cinco milhões de seguidores, a confraria muride oferece não só a promessa de prosperidade eterna, mas também o acesso às formas de comércio e produção de riqueza mundana (Buggenhagen, 2011). Fato manifesto nos significados religiosos de duas formas de atuação, no trabalho informal (comércio de rua) e no trabalho formal (nos frigoríficos da cidade).

### **MEDIAÇÃO ENTRE A PREFEITURA E OS VENDEDORES AMBULANTES**

Em Lajeado, cidade brasileira onde Mor tem residido desde 2014, ele posiciona-se nas negociações entre a prefeitura e os conterrâneos que vendem produtos nas ruas de Lajeado, os vendedores ambulantes. O comércio de rua é uma atividade à qual se dedica uma porção de migrantes senegaleses em ruas transversais à principal rua comercial do centro da cidade de Lajeado. Vendem diversos produtos, roupas, óculos de sol, bijuterias e relógios. Para alguns o comércio de rua é um complemento da renda, trabalham em jornadas duplas para reunir dinheiro a fim de enviar remessas e contribuir com as despesas da família no Senegal (Tedesco, 2017; Cássaro; Zanini, 2019 ).

Mor serve de mediador entre as partes, almejando evitar a obstrução às vendas dos senegaleses que atuam no comércio de rua. Intenta frear a perseguição que sofrem os vendedores ambulantes num contexto marcado pelo conflito, tensão e negociação entre vendedores de rua, lojistas e poder público. Problemática midiaticizada pela imprensa local, a associação de comerciantes e representantes da administração local, na qual se percebe que esta prática cultural dos senegaleses suscita um incômodo na cidade. Da ótica da prefeitura é uma prática “ilegal”, vetada pelos fiscais nas ruas, que muda a paisagem da cidade de Lajeado. Nos círculos políticos, esses migrantes são geralmente associados a problemas sociais.

No entanto, a perseguição ao comércio de rua é uma ação com a qual os senegaleses que trabalham nas ruas estão acostumados. Eles possuem a habilidade necessária para recolher os produtos quando os fiscais os abordam e depois retornar para os pontos de vendas – assim é em qualquer lugar do mundo em que realizam esta atividade – disse Mor. Em algumas ocasiões os fiscais pegam a

mercadoria dos senegaleses e não a devolvem, então eles têm que esperar para juntar dinheiro e comprá-la de novo.

Nessa prática de resistência às barreiras que enfrentam os comerciantes nas ruas, os senegaleses-murides mobilizam uma ideologia religiosa fundamentada na trajetória do profeta Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké (Buggenhagen, 2011). O profeta exercia a profissão de comerciante ao ser interpelado e perseguido pelo regime colonial francês, e quando sai a procura por refúgio, as comunidades wolof o reconhecem um serigne, profeta do islã por analogia à narrativa da hégira (do árabe, “deslocamento” ou “fuga”) do profeta Maomé de Meca para Medina, que marca o início do calendário muçulmano (Bava, 2005, apud Tedesco; Kleidermacher, 2017).

O significado do comércio informal “ambulante” entre os senegaleses corrobora ponderações desenvolvidas em torno do assunto em outras cidades. Este comércio expõe o migrante a um modelo de comportamento que reproduz a experiência religiosa de mobilidade, e contribui para a manutenção de um “ethos econômico-religioso”. As vendas ambulantes operam como diacrítico de senegaleses murides em contextos de imigração e permite às lideranças e às dahiras compartilharem e avaliarem a inserção da confraria em diferentes lugares do mundo (Bava, 2005, apud. Tedesco; Kleidermacher, 2017).

## **PARTICIPAÇÃO NA EMPREGABILIDADE DE SEUS CONTERRÂNEOS EM FRIGORÍFICOS**

Mor em Lajeado é um dos principais vetores das redes de solidariedade construídas entre migrantes contemporâneos de diversos países: Senegal, Haiti, Guinei, Bangladesh, Paquistão, Marrocos, Nigéria, Serra Leão, Gana e Sudão. Mor disse que as pessoas gostam muito dele, não por seus atributos individuais senão pelo dom que Deus lhe deu. Os laços de solidariedade entre eles se estabelecem em prol de necessidades específicas.

A atuação de Mor no âmbito da comunidade diaspórica senegalesa manifesta-se em diversas situações. Uma delas é no processo de chegada dos migrantes na cidade de Lajeado. Quando eles não têm familiares nem amigos que os acolhem na entrada, chegam “perdidos” na Rodoviária de Lajeado, um motorista de taxi os conduz até a Loja Casa Bamba onde são recebidos por Mor, comenta ele rindo. Aos que chegam Mor lhes ajuda a arrumar emprego. Entra em contato com outros senegaleses que ocupam cargos nos Frigoríficos e lhes pede colaboração. A agência de Mor revela aquilo que Espiro

(2019, p. 92) assinala, o domínio da informação no interior das redes migratórias supõe um diferencial de poder que incide na conformação de vínculos verticais e condiciona as trajetórias laborais.

A trajetória de vida de Mor nos coloca em contato com a realidade de muitos de seus correligionários e conterrâneos que se mobilizam em torno da produção de alimentos que tem o certificado Halal. Esta mobilidade tem sido um fator estruturante da cidade (Capel, 1997). De 1975 até 2010, a empresa CDIAL atuava no frigorífico de Lajeado na certificação Halal sem muçulmanos. O ritual era feito por brasileiros, católicos ou judeus, que não tinham a mesma conectividade que existe hoje com a cultura muçulmana, quando o ritual é realizado por correligionários.

A participação dos migrantes nesta atividade permite aos frigoríficos de Lajeado gerar recursos financeiros elevados. Entre 30 e 60 % da produção é direcionada para o mercado externo muçulmano, condicionado por políticas internacionais, informa o fiscal da CDIAL. Este mercado movimentava anualmente no mundo trilhões de dólares. Valor que contribuiu no crescimento e na reposição da cidade de Lajeado e das que estão transnacionalmente vinculadas. Contudo, a população local desconhece a atuação destes migrantes na certificação Halal e sua influência nos mercados. Não reconhecem os migrantes internacionais como atores significativos na reconstituição econômica e política de cidades como Lajeado, afetada pela competição global por investimento, pela mudança na economia industrial e por pressões do mercado. Como argumentam Glick-Schiller e Çağlar (2011), a migração, quando considerada localmente, é parte da reestruturação global e do remanejamento da vida urbana.

Os espaços de atuação desses migrantes (senegaleses, bangladeshianos e paquistaneses) em Lajeado concentram-se nas empresas CDIAL (Centro de Divulgação do Islam para América Latina) e CIBAL ( Central Islâmica Brasileira de alimentos halal - EPP). Ambas têm filiais em São Paulo e fazem parte da FAMBRAS (Federação das Associações Muçulmanas do Brasil) e possuem vínculos com outros países. Como são transnacionais, as decisões atingem interesses que ultrapassam as fronteiras brasileiras. A sede principal da CDIAL é em Arábia Saudita e da CIBAL em Egito, cada uma dessas empresas atua como prestadora de serviços em um frigorífico da cidade de Lajeado. Sendo que as duas velam pelo cumprimento das regras na produção de alimentos para receber o certificado Halal.

A exigência do Certificado Halal mobiliza a criação de empresas como CDIAL HALAL e CIBAL HALAL que são referência global e mantém parcerias com empresas mundiais de alimentos. Estas empresas atendem as exigências do consumidor muçulmano e oferecem produtos alimentícios Halal, elaborados conforme os requisitos legais da religião islâmica em todo o processo de produção

(Tedesco, 2018), gerando sempre oportunidades de negócios e de valor compartilhado com a sociedade brasileira.

A empresa que emite o certificado Halal fiscaliza toda cadeia produtiva, a fim de que as normas e regras sejam cumpridas desde a produção até a embalagem e a estocagem. Nesse processo, as empresas exportadoras de produtos com certificação Halal, neste caso os dois frigoríficos de Lajeado que processam o frango, precisam estar adaptados às regras que envolvem tanto o processo produtivo como o abate Halal. Subjaz em todo esse processo de certificação Halal, mais do que questões sanitárias, princípios de respeito à vida. A certificação Halal não se limita ao processo de produção e transporte do frango, o Halal é um conceito ético e moral que dá sustentação ao modo de vida do muçulmano.

A modalidade do esquema de trabalho nas empresas islâmicas transnacionais estimula a mobilidade dos senegaleses, já que estes são transferidos de cidade de acordo com as demandas dos frigoríficos (Tedesco, 2019). O migrante, nos termos de Sayad (1998), é um sujeito de e para o trabalho, submete-se a inúmeras situações de trabalho a fim de justificar sua migração e alcançar as expectativas de quem fica através de remessas de valores e até mesmo do status de migrante.

Os senegaleses não ficam muito tempo em Lajeado. Para muitos migrantes esta localidade não representa o ponto final de uma viagem planejada, mas uma etapa da viagem para América do Norte. A crise econômica e política no Brasil é outra das razões pelas quais se movimentam para outros lugares, buscando melhores condições de vida fora. Fenômeno que vai ao encontro das teorias de Jung (2019) de que as decisões e aspirações previstas nos projetos migratórios não podem ser entendidas como estando definidas e fechadas. A migração não é um processo linear, os sujeitos em mobilidade não seguem um plano elaborado no local de origem. Os migrantes se adaptam às mudanças durante a migração, eles precisam refletir sobre as condições que encontram, identificar obstáculos e oportunidades, e atuar em relação a eles.

## **LIDERANÇA DE MOR NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS CULTURAIS VINCULADOS À RELIGIÃO MUÇULMANA**

A vida do migrante senegalês é construída com base em interconexões sociais que transpassam fronteiras internacionais, nas quais o componente religioso é norteador. Mor, senegalês muride, manifesta sua solidariedade com os problemas e as dificuldades de todas as pessoas através das

orações, pregando também a paz mundial. Dessa perspectiva, todos são irmãos, independentemente do país de origem ou do credo religioso.

Mor é seguidor dos preceitos religiosos muçulmanos da confraria muride desde seu país natal, como migrante mobiliza-se para reproduzir todas as práticas culturais vinculadas a esta corrente muçulmana. Quando estava na Argentina, ele ia toda sexta feira ao meio dia, junto com seus amigos, na mesquita em Palermo, em Buenos Aires. Nas cidades brasileiras em que ele tem morado não há mesquitas, mas há um projeto de construção de uma mesquita em Porto Alegre, templo sagrado de grande valor religioso para os muçulmanos.

Na trajetória de Mor, identificamos diversos espaços condicionados para realizar as práticas culturais vinculadas ao muridismo, um deles é a loja Casa Bamba. Na Loja se observam expressões de religiosidade que permeiam todas as dimensões da vida dos senegaleses. O cenário da Loja é carregado de elementos simbólicos vinculados à confraria muride, à qual pertencem os senegaleses que moram em Lajeado. É uma das confrarias mais representativas dos senegaleses que deixam o país natal, e sintetiza, nos termos de Geertz, o ethos de um povo (Rossa, 2019). Os murides pertencem à confraria africana mais recente no universo islâmico, considerada de maior repercussão na África Ocidental e nos contextos diaspóricos dessa organização religiosa na Europa, Estados Unidos, Ásia e América, revelando o que Tedesco e Mello (2015) chamam de transnacionalismo religioso.

A Casa do Bamba é um espaço ambientado musicalmente por cantos religiosos murides. E nas paredes estão pregadas imagens de líderes religiosos. Destaca-se na parede em frente à porta principal uma lâmina com a imagem de Cheikh Ahmadou Bamba Mbacke, considerado pela tradição religiosa da confraria muride, mentor e principal guia e protetor dos males. Prega uma ética nas ações fundamentada em valores de justiça social, trabalho, disciplina, crença e pertencimento. Do ponto de vista analítico, Chiekh Bamba “é um personagem chave para se entender a conformação de um ethos de um islã sufi” (Romero, 2017, p. 276-277). Representa uma devoção partilhada entre homens e mulheres murides nos lugares de residência e de trabalho (Rosander, 2010).

Ao lado dos marcos da porta principal da Loja há imagens de líderes religiosos murides com menor status que Bamba. São Mbacke Mouhammadou Fadi, filho de Bamba, e Serigne Saliou, “o último Khalifa dos filhos de Bamba na terra. Khalifa significa liderança”, argumenta Mor. E na parte de cima da porta principal há um alcorão em miniatura, pendurado dentro de uma sacola para protegê-lo da poeira. Para Mor as imagens e o alcorão têm significados diferentes, enquanto as imagens religiosas lhe fazem companhia, o alcorão o protege. Essa representação enaltecida desses líderes



religiosos na Loja de Mor podemos interpretá-la segundo preceitos teóricos que assinalam que a adesão à confraria muride se caracteriza pela submissão aos Sufi Shaykhs (Soares 2005; Buggenhagen, 2011).

Na Loja, Mor e Mame também realizam suas práticas religiosas como o ritual salât, que são as orações dos muçulmanos cinco vezes ao dia ( 5 da manhã, meio dia, 15 horas, 17 horas e 19 horas). A sacralidade do momento se impõe por cima de tudo. Se o momento da oração acontece estando na Loja, interrompem as atividades, se lavam no banheiro e estendem o tapete para orar, mesmo com fregueses no local.

A confraria muride está presente, tanto nos objetos que expressam identidade religiosa na Loja Casa Bamba quanto em práticas culturais promovidas por Mor e seus conterrâneos, como as festas. Uma das expressões de religiosidade do muridismo são as festas organizadas na diáspora pelos membros da Federação de migrantes senegaleses no Rio Grande do Sul, composta por presidente, vice-presidente e secretário. Nas cidades do Rio Grande do Sul onde há senegaleses, a diáspora nomeia um de seus conterrâneos para participar como representante nas reuniões da Federação de imigrantes senegaleses em RS. Os representantes da diáspora nas diversas cidades do Estado se deslocam para os locais onde acontecem as reuniões em que tratam assuntos de interesse comum. Um dos assuntos em pauta são as festas religiosas que celebram a cada ano. Tratam sobre a organização das festas, marcadas de acordo com o calendário lunar, e de outros eventos sociais. Informações que depois os representantes de cada cidade comunicam a seus conterrâneos nas dahiras.

A mobilidade de senegaleses para a realização de festas religiosas muçulmanas na diáspora coloca em movimento as massas, suscitando estados de efervescência coletiva que compõem os rituais, segundo Durkheim. Essa mobilização remete ao fato de que com a migração não se mobilizam apenas pessoas, mas também práticas e valores culturais. Ao migrar as pessoas reproduzem práticas culturais do país de origem das quais emanam sentimentos e emoções que ajudam a harmonizar os obstáculos vivenciados na experiência migratória.

Inserida numa configuração espaço-temporal específica, a festa permite a expressão de valores e emoções que não encontram espaço no mundo do trabalho ou no mundo doméstico (Cavalcanti, 2013). É uma lente através da qual se observa a dimensão afetiva e sensível da vida social que extrapola o cotidiano, e vai ao encontro de sua cultura e sua tradição (Amaral, 1998).

O Grand Magal, 18 Safar, é a principal celebração muride, e uma das heranças deixadas pelo Cheikh Ahmadou Bamba, fundador de Touba em 1887. A comemoração deste evento é realizada no 18º dia do mês Safar do calendário lunar. Nela lembram a data em que ele foi acusado de subversão pela administração colonial francesa, exilado duas vezes, a primeira no Gabão de 1895 a 1902 e a

segunda em Maurîtânia, de 1902-1907. A celebração é um pedido do Cheikh Bamba a seus discípulos para comemorar a data de sua primeira partida ao exílio pelo significado das provações que chamou de benefícios (Rossa, 2019) quando sofreu perseguições por parte dos franceses.

Durante o Grand Magal, os murides cantam, rezam, ficam muito felizes. Há fartura de comida e bebida. A cerimônia é um agradecimento por todas as coisas boas que Bamba fez por seus amigos e familiares. Nos quatro anos que acompanhamos este evento, em 2017, 2019, 2020 e 2022 foi realizado em Lajeado e em 2018 em Garibaldi (RS). Nos anos em que a festa ocorreu em Lajeado foi porque a data da celebração correspondia a um dia de semana. Em 2018 caiu domingo então puderam ir a encontrar senegaleses em Garibaldi. Em 2019 aconteceu no dia 17 de outubro no salão dos empregados da BR Foods em Lajeado. Começou às 8 da manhã e terminou às 8 da noite. Talibo, supervisor da BR Foods, conseguiu o salão onde se realizou. Mor disse que não tirou fotos porque estava na organização. Comentou que houve um movimento constante de pessoas, chegavam e saíam, não sabe exatamente quantas pessoas participaram. As características do evento se repetem de ano em ano, com grande mobilização entre os integrantes da confraria na organização da festa, aberta à comunidade. São servidos pratos típicos senegaleses, refrigerantes, café toubá, há momentos de salât e os cantos khassida são entoados durante toda a cerimônia.

Há uma mobilidade transnacional em torno dessa festa. Em conversas com Mor sobre o assunto percebemos que ele está conectado com toda a diáspora senegalesa espalhada mundo afora. Tem informações sobre as celebrações em outras cidades, como em Montreal, Canadá. A Festa do Grand Magal de Toubá é o que mais anseiam os senegaleses murides, segundo Mor, os que estão fora do país sentem falta de estar nela, da família não sentem tanta falta porque com a família falam sempre e sabem que há pessoas que cuidam deles.

Mor conta que esteve em 2016 nessa celebração em Toubá no Senegal, cidade sagrada de Ahmadou Bamba, construída com o objetivo de perpetuar a obra de seu fundador: “trabalhar como se nunca morrêssemos e orar a Deus como se devêssemos morrer amanhã”, é o lema dos migrantes murides (Fall; Gamberoni, 2019, p.36). Um mês depois do nascimento da primeira filha ele viajou para o Senegal e ficou um mês. Em Toubá se hospedou uns dias na casa do primo e outros na casa de um tio que morava na Itália e está no Senegal porque cansou de estar fora do país. Sobre o assunto Mor nos recomenda procurar a produção teórica de Juliana Rossa. Jornalista, conhecedora do significado dessa festa porque já esteve em Toubá, e argumenta que a religião passa pelo corpo. Conforme a autora, o Magal de Toubá se transformou num feriado religioso. Neste feriado ocorrem celebrações com diversas práticas, os cantos Khassidas, a recitação do alcorão e orações, além de visitas a marabu, à

mesquita, aos mausoléus e a outros centros sagrados. É um momento de exaltação coletivo de caráter global que captura o poder sacral da confraria muride. Nesse dia mais de dois milhões de discípulos do Senegal e do mundo visitam Touba (Rossa, 2019).

A outra grande festa da diáspora senegalesa em Brasil é a Khassida, que acompanhamos desde 2017. É uma Jornada que acontece num dia escolhido pelos senegaleses murides do Brasil para agradecer os ensinamentos escritos do Cheikh. “São orações do Corão e cantos de 7000 poemas destinados ao mundo: Se você não está bem, eu também não estou” – disse Mor. O aprendizado e a repetição das Khassidas buscam facilitar a abertura de caminhos para proteção em saúde, sucesso pessoal e profissional. São recitadas a viva voz em árabe sem compreender, às vezes, os significados linguísticos (Romero, 2017). Percebemos que a cada ano este evento acontece numa cidade diferente. Em 2017 foi em Nova Araçá (Rio Grande do Sul); em 2018, em Niteroi (Rio de Janeiro), em 2019 na cidade de São Paulo e em 2020 em Passo Fundo (RS).

Um dos assuntos que Mor enfatiza em sua narrativa é a beleza e a solidariedade das autoridades públicas nas cidades onde esta Festa acontece. Mor tem estado nas Khassidas realizadas em Niteroi (em 2018) e em São Paulo (2019). Comenta o apoio recebido pela polícia fechando as ruas para poderem fazer a marcha da Jornada Khassida de Niteroi. No dia 20 de julho de 2019, a Khassida foi em São Paulo. De Lajeado foram Mor e outros três senegaleses. Disse que as informações sobre esses eventos se encontram no site: [toubabrasil](http://toubabrasil.com). Os canais de TV que acessa são: [kourelou](http://kourelou.com), [cheikhoul](http://cheikhoul.com), [khadum TV Etat](http://khadumTV.com).

Na Jornada Khassida tiram fotos e gravam vídeos compartilhadas em redes sociais pela internet com suas famílias, com outras comunidades senegalesas, com dahiras e com serignes ao redor do mundo, constituindo-se, assim, como um “ritual multissituado” (Romero, 2016; Romero, 2017; Rossa, 2017).

A dimensão deste evento tivemos oportunidade de apreendê-la como convidadas em Nova Araçá, RS, cidade localizada a uns 150 quilômetros de distância de Lajeado. Para a realização da festa os senegaleses tiveram o apoio do frigorífico da cidade, aonde alguns trabalham. Iniciou às 7 horas e encerrou às 19 horas do dia 18 de agosto de 2017, com as duas estruturas rituais, a do Kourel Khassida que acontecia num amplo salão, e a do Kourel-Zikroula Baye Fall na praça principal, em frente à Igreja Matriz da cidade. O Kourel Khassida é a principal prática ritual dos murides, sentados em círculo recitam as Khassidas em homenagem aos ensinamentos do Cheikh Bamba. O Kourel-Zikroula Baye Fall se caracteriza pelos laços religiosos e sociais que os murides constroem com o Cheikh Ibrahima Fall. Nele as pessoas se organizam de pé, em circuitos, juntam seus corpos para recitar a fé no Islã

(Romero, 2017). Desses rituais participaram senegaleses vindos de diversos estados do Brasil, entre eles São Paulo e Rio de Janeiro. Havia em torno de 1000 pessoas. Os senegaleses murides convidam a amigos de outras religiões a participar das práticas de comensalidade e como observadores dos rituais. Expressam com alegria a presença dos brasileiros nessas festas. Estes eventos são uma ritualização da introdução de cosmovisões, religiões, músicas e danças africanas, entre outros elementos culturais, que continuam marcando a identidade da região (Seyferth, 2002).

Ainda que Mor não se auto defina líder da diáspora senegalesa em Lajeado, são diversas as situações em que perpassa sua liderança. Ele se mobiliza em torno da preparação e realização dos eventos como aconteceu em março de 2019 quando veio ao Brasil o líder religioso Mame Thierno Imam Mbacké, bisneto do Serigne Amoudou Bamba, e passou quatro dias em Lajeado. Esta cidade foi uma das selecionadas para o líder estar no Rio Grande do Sul. Ele passou 15 dias no Brasil ( São Paulo, Rio Grande do Sul e Piauí) e 15 dias na Argentina. No Rio Grande do Sul, além de Lajeado, esteve em Porto Alegre, Passo Fundo e Caxias do Sul. A visita de um líder religioso é uma forma de manter os laços religiosos com o país natal, além de que lhe “confere prestígio à comunidade nucleada na dahira e reforça vínculos internos” (Sangalli; Gonçalves, 2019, p. 68 ).

As dahira (em árabe é círculo) são associações criadas por migrantes murides que vivenciaram a transição da agricultura para o comércio urbano (Buggenhagen, 2011). Sua base religiosa é muito difundida no Senegal e reconstituída no estrangeiro, se fundamenta na solidariedade e na coesão da diáspora. Na dahira, os migrantes murides conectam os ensinamentos de sua figura fundadora, Amadou Bamba, sobre trabalho, sacrifício, prosperidade e salvação ao esforço e luta na vida dos migrantes.

A dahira tem diversos significados. É local de encontro, de oração e de recitação de poemas do líder Bamba Mbacke dos migrantes senegaleses-murides. É também local de prestação de apoio mútuo, troca de informações e de interações comerciais (Heil, 2018). Permite ampliar contatos, redes sociais e socializar problemas.

No estrangeiro, sentimentos de reciprocidade, solidariedade e pertencimento dos murides representam mecanismos de defesa contra práticas de exclusão e exploração no trabalho (Heredia; Tedesco, 2015). A dahira é uma ferramenta muito eficaz para orientar e apoiar a migração, contribui para manter laços de identidade coletiva (Rossa, 2019) e para o reconhecimento público da comunidade de migrantes. Os senegaleses fazem contribuições para sua congregação e para seus líderes religiosos e participam de algumas de suas atividades religiosas, práticas que são requisito para

se tornarem parte da comunidade muride e para ter acesso a suas prósperas redes comerciais (Kane 1997 apud Rosander, 2010).

A dahira da diáspora senegalesa em Lajeado pertence à confraria muride. Através de ela os migrantes recebem informações sobre os acontecimentos, a celebração das principais festas, tais como o Grand Magal de Touba e a Jornada Khassida. As falas sobre o assunto permitem perceber que a dahira em Lajeado não acontece num lugar fixo nem numa periodicidade exata. As reuniões são a cada quinze dias ou uma vez ao mês. E no período em que estão envolvidos em outros eventos como a festa de aniversário do profeta Mohamed, a dahira não se reúne. O local de reunião também varia, teve uma época que era na casa de Ibrahim, depois que ele foi para o Grand Magal de Touba em Senegal, passaram a fazê-la em diferentes casas, sendo uma delas a de Mor, ainda que não com muita frequência porque o vizinho reclama do barulho.

Ao ser indagado porque não utilizam o local da Loja Casa Bamba para os encontros da dahira, Mor argumenta que não é possível porque comem e bebem e o espaço da Loja não é amplo. Em situações em que a dahira de Lajeado recebe conterrâneos de outras cidades seus membros se organizam e alugam com recursos próprios uma sede na cidade, apesar do alto custo dos alugueis. Não recebem auxílio de nenhum órgão público ou privado. Até o momento, essa dahira não precisou receber apoio financeiro da Federação de migrantes senegaleses do Rio Grande do Sul porque não há ninguém morando na rua, passando fome, fenômeno que acontece com senegaleses que moram em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, disse Mor.

A função de líder de Mor entre os senegaleses de Lajeado a exerce ao atuar como mediador entre seus conterrâneos e as autoridades da prefeitura municipal em prol da realização de práticas religiosas em espaços públicos da cidade. Um dos registros dessa situação foi em 2016, quando solicita permissão da prefeitura de Lajeado para os senegaleses fazerem homenagem à peregrinação religiosa Magal de Touba por uma das ruas principais do centro de Lajeado. Celebração feita pelos senegaleses nos locais de migração (Ndiaye; Gonçalves; Moojen, 2015). Prática muito valorizada pelos murides em que exibem sua fé perante os moradores da cidade. A prefeitura lhe negou a Mor a possibilidade da realização deste evento, causando desapontamento entre os senegaleses. Acerca de esse episódio Mor comenta sua decepção ao comparar com a experiência de seus conterrâneos que residem em Porto Alegre e Caxias do Sul aonde as prefeituras dessas cidades costumam ceder espaços públicos para que os migrantes senegaleses realizem as práticas religiosas murides. Fato confirmado em relatos etnográficos de pesquisadores de Caxias do Sul (Gonçalves, 2019; Heredia, 2017; Rossa, 2019).

Mor participa nas reuniões da Federação dos migrantes senegaleses realizadas em outras cidades de Rio Grande do Sul como Passo Fundo, onde mora o presidente da Federação no RS. Uma das reuniões em que participou no final do mês de setembro de 2018, em Caxias do Sul, objetivava definir questões sobre a construção da Mesquita vinculada à confraria muride no bairro Rubem Berta em Porto Alegre. O projeto é construir uma grande mesquita com o dinheiro arrecadado entre a diáspora, como lhes falta muito dinheiro para sua construção pensaram em solicitar auxílio financeiro à Federação brasileira de migrantes senegaleses. A Federação dispõe de recursos monetários para projetos coletivos bem como para apoiar os conterrâneos em casos de fatalidade. Em situações em que o senegalês falece no Brasil, a comunidade diaspórica se une para financiar o repatriamento e o envio do corpo para o Senegal. Não são enterrados em Brasil.

## **AGENCIAMENTO DE MIGRANTES**

Os migrantes senegaleses como Mor expressam suas subjetividades nas formas de se relacionar com o mundo. São sujeitos práticos, com poder de ação, que se constituem num processo que ultrapassa a própria experiência. Conforme essa perspectiva teórica-metodológica, Mor e outros migrantes aos que ele está entrelaçado em Lajeado são, nos termos de Deleuze (2009), agentes e sujeitos de uma experiência migratória. Com o apoio de uma rede de relações engajam-se no movimento de construção e de produção de si.

Fenômeno explícito na trajetória de Mor. Ele é promotor de relações de apoio aos migrantes em Lajeado, posição que ganha visibilidade na ausência do haitiano contratado pela prefeitura de Lajeado para atender no Centro Regional de Assistência Social (CRAS) aos migrantes, auxiliando-os na legalização dos documentos necessários para viver e trabalhar no Brasil. No final de 2019, quando o haitiano esteve de licença médica por quatro meses, os migrantes haitianos e os senegaleses chegam na Loja Casa Bamba a solicitar o auxílio de Mor na emissão e encaminhamento de documentos. Presenciamos o pedido de ajuda feito por um haitiano para Mor. Ele precisava elaborar uma declaração para a embaixada de seu país solicitando a vinda da família do Haiti. Mor se recusa argumentando falta de tempo, o haitiano insiste e lhe oferece dinheiro, mas ele não cede. Neste caso, Mor lhe justifica sua resposta no excesso de ocupação. Porém, ao longo destes anos observamos que sempre que ele pode ajudar o faz. Talvez neste caso não se sentia em condições de escrever o texto, não é fácil a comunicação na língua escrita para quem não tem domínio do idioma. Como consta no certificado de proficiência em português, seu conhecimento da língua é oral.

O cenário recorrente na Casa Bamba, e que temos presenciado ao longo três anos, é a assistência que Mor lhe presta a seus conterrâneos. Numa delas um de seus amigos está na Loja a procura de sua colaboração para preencher um formulário da polícia federal brasileira solicitando a residência permanente. Notamos a aflição de Mor porque estavam com dificuldade de enviar o documento, disse que o sistema falha quando tentava enviá-lo.

Ao acompanhar a trajetória de Mor notamos que ele desempenha o papel de mediador de práticas de solidariedade entre migrantes. No âmbito do contingente migratório, ele facilita a circulação do conhecimento dos recursos legais e práticos que operacionalizam formas de mobilidade social que lhes permitem melhorar a qualidade de vida. Acerca de uma dessas ações de solidariedade tivemos conhecimento porque nos solicita ajuda. Mor nos pede o apoio a alguns haitianos no preenchimento do formulário para inscrição na prova de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros - Celpe-Bras -, desenvolvida pelo Ministério da Educação. É um certificado requisitado no preenchimento da solicitação da cidadania brasileira.

Em situações como a narrada no parágrafo anterior, sobre a proficiência em português, os migrantes acionam as tecnologias de governamentalidade. Essas tecnologias interferem e geram arenas de enfrentamento específicas para os migrantes, visualizadas em seu cotidiano no acesso aos serviços públicos de saúde, para além do mundo laboral. No caso da Carteira de Registro Nacional Migratório, por exemplo, ao obtê-la, os migrantes podem circular entre fronteiras nacionais. Fato que coloca em evidência a existência de mecanismos institucionais que controlam e regulam a mobilidade de pessoas através de fronteiras e operam como marcos dos itinerários dos migrantes. Os itinerários não se definem apenas por critérios geopolíticos, como a passagem por diversos países, mas também jurídica e politicamente, ou seja, entre regulações e instituições com diferentes escopos e escalas de influência (Jardim, 2017).

Enfim, Mor é uma figura central nas relações de apoio aos migrantes contemporâneos em Lajeado, não apenas aos senegaleses. Ele é mediador entre migrantes e outras instituições públicas que prestam serviço aos migrantes como aulas de português e emissão de documentos, entre outras. E expressa sua imensa vontade em auxiliar as pessoas próximas física e socialmente. Mor é um ativista com poder de ação e decisão no âmbito da diáspora senegalesa, expresso em seu agenciamento para melhorar as condições de vida dos migrantes.

## **FAMÍLIA UM EIXO QUE SUSTENTA AS MOBILIDADES**

A vida de um migrante é atravessada por diversas mobilidades físicas e sociais, muitas das quais se configuram no âmbito da família. O núcleo familiar é o eixo estruturante de mobilidades marcadas por rituais como o casamento. O ritual de casamento simboliza uma mudança de papéis sociais das pessoas. Neste caso, realizado com a participação de parentes e amigos, seguindo os padrões da cultura muçulmana, orientada pelo modelo da família patrilocal. A esposa de Mor, Mame Dyara, sai de sua casa paterna e vai morar na casa do marido e de sua família. E um ano após o casamento, Mor migra para o Brasil, mas ao chegar decide ir para a Argentina, e Mame se torna uma das esposas de diáspora. Ela fica morando com a família de Mor em Ngaye-Meckhe até 2015, quando o marido tem recursos financeiros para que Mame viesse a residir com ele no Brasil.

## **FAMÍLIA DE ORIGEM**

A família de Mor é de origem rural, região onde o pastoreio e o artesanato fazem parte da cultura e definem os movimentos das pessoas que ali nascem. Para o sustento da família, quando seus pais eram vivos, o pai se dedicava à agricultura e à pecuária. Criava vacas, cordeiros e cavalos e os vendia nas feiras. Segundo Mor, o negócio de venda de animais nas feiras persiste até hoje no Senegal. Mor nasceu em 3 de abril de 1976, em Koure Mbattar, uma área rural de Meckhe, comuna localizada no noroeste de Senegal, pertencente ao estado de Tivaouane na região de Thiès, a 110 quilômetros de distância de Dakar, capital do Senegal, para onde ele migra ao finalizar o ensino meio para atuar no ofício de sapateiro no qual foi socializado.

Ele, ao igual que todos os homens de sua família, entre os quais menciona seu irmão e os primos (irmãos da Mame, sua esposa), cresce familiarizado com a atividade de sapateiro enquanto meio de subsistência. Uma aprendizagem transmitida de uma geração para a outra. O tio ensinou para o irmão mais velho do Mor e este último ensinou para o Mor. Para se tornarem profissionais fazem curso com mestres do ofício, que são pessoas mais velhas. Aprendem a conhecer o couro, tratá-lo, consertar sapatos, descoser, montar, tudo manualmente, “é a arte de mãos”, afirma ele.

Os sapatos são produzidos de maneira artesanal em oficinas e depois vendidos. A produção de sapatos no Senegal é uma atividade muito desenvolvida porque este país exporta sapatos para outros países da África. Ainda que menos pujante que 20 anos atrás, o negócio de sapateiro persiste. “Não vai parar, vai até o fim do mundo”. É uma atividade difundida em diversas cidades do Senegal,



comentam Mor e Bouba, seu amigo, no dia em que conversamos sobre o assunto. Para mostrar a expansão dessa atividade entram no site da internet: “artisan en Senegal”, na qual aparecem fotos de feiras artesanais em diversas cidades do Senegal. A produção artesanal de sapatos para a qual é habilitado Mor lhe dá recursos para passar a atuar em Dakar, primeiro junto com o tio e depois ao montar seu próprio negócio. O tio era o dono da loja em que Mor trabalhava e aonde ele fez curso de sapateiro. Em 1999 Mor parou de trabalhar na sapataria do tio e montou uma Loja em Dakar. De 1999 até 2006 foi gerente da Loja onde comercializava itens ligados aos sapatos, vendia materiais para confeccionar sapatos e bolsas. Sua experiência vinculada à produção e comercialização de sapatos faz parte de uma criação moldada por disposições étnicas e ocupacionais.

A morte dos pais é um dos acontecimentos familiares que marca mudanças na vida de Mor. Com 10 anos perde o pai, a mãe tinha morrido muito antes, evento do qual ele não lembra. Quando fica órfão vai morar na casa de um irmão da mãe, e as três irmãs vão morar com suas tias maternas. Mor disse que não há nenhuma regra de residência que diga que quando as crianças perdem os pais, as mulheres ficam com as tias e os homens com os tios. O único que ficou na casa da família paterna foi o irmão mais velho de Mor.

Nesse contexto familiar, outro dos fatores de mobilidade é a educação, Mor permanece na casa do tio materno, pai da Mame (sua atual esposa), até finalizar o segundo grau numa escola pública em 1996. Ao finalizar os estudos se mudou para Dakar. De 1996 até 1999 morou de aluguel, depois foi residir na casa do tio materno, irmão da mãe, quem passou a ser seu patrão.

Na atualidade, por sua trajetória migratória, Mor dispõe de recursos materiais e simbólicos que lhe conferem prestígio perante à família, seu sucesso lhe possibilita ajudar os outros. Neste contexto, a migração é um dos recursos de mobilidade ascendente (Jung, 2019).

A família composta agora por um irmão mais velho e duas irmãs mais novas, sofre um deslocamento com a experiência migratória de Mor, uma vez que ele estende os laços familiares para além do país de origem, ao construir uma Casa na diáspora. Sendo a Casa o locus que centraliza as novas relações familiares (Machado, 2014). Relações que ele procura aproximar financiando, em 2022, a viagem de sua esposa e as duas filhas a conhecer a família no Senegal. “Assim minha família sabe que eu não vou desaparecer, perde o medo de que eu não volte mais”, afirma: Esta viagem ao Senegal se prolongou. Mame, a esposa, ficou uns seis meses e as meninas, de 6 e 3 anos de idade, permaneceram com os pais da Mame porque Mor quer que suas filhas sejam socializadas de acordo com os fundamentos religioso da Confraria Muride e que aprendam o alcorão. Arame, a filha mais

velha, está internada num seminário estudando o alcorão. Enquanto a mais nova está aos cuidados da avó, a espera de completar a idade para entrar no seminário.

## RELAÇÕES DE GÊNERO

Destacamos que nas relações de gênero que dão suporte aos projetos migratórios, os papéis que homens e mulheres assumem são dominados pelos preceitos do muridismo.

Mergulhamos em questões de gênero, tomando como referência a relação entre Mor e Mame para evitar estereótipos ou aproximações simples (Marinucci, 2015). Apoiamo-nos na literatura que argumenta que as relações de gênero no contexto migratório se fundamentam na reprodução de posições e papéis de homens e mulheres definidos histórica e culturalmente.

Como assinala Brah (2006), são múltiplos os significados de ser mulher e de ser homem, cada um deles simboliza “trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares” (p. 341). Nesse sentido, abordar a experiência migratória de senegaleses vinculados ao muridismo, da perspectiva do gênero, permite desconstruir o essencialismo constituinte da diferença dos sexos e compreender a diferença sexual como representação e produto de discursos e práticas institucionalizadas (Sousa, 2011). Com base nesses pressupostos teóricos discorreremos aqui sobre as relações de gênero na experiência de Mor e Mame e dos que estão entrelaçados a eles.

O casal orienta suas ações com base nos preceitos da cultura islâmica que valida o casamento poligâmico, num contexto no qual, como disse Rosander (2010), casar é uma obrigação social que contribui para a mobilidade social de seus membros. Nas narrativas apresentam o casamento poligâmico fundamentado em normas que permitem que o homem tenha no máximo quatro mulheres. Para adotar esse modelo de casamento, o homem precisa ter condições financeiras para sustentar suas mulheres e atender suas necessidades básicas. Em alguns casos, o homem e suas mulheres partilham a mesma unidade doméstica, em outras, moram em casas separadas.

Um exemplo de família poligâmica referido por Mor é a família de Mame. O pai dela tem três mulheres, mas a mãe de Mame é a primeira, então é ela quem tem o domínio na casa. Há uma hierarquia nas relações, a primeira mulher é a dona da casa. Mesmo que entre os muçulmanos seja permitido ter mais de uma esposa, até hoje, Mame é a única esposa de Mor. O vínculo de casamento entre Mor e Mame é reforçado por laços de parentesco consanguíneo, são primos.

A influência religiosa da confraria muride na definição dos papéis de homens e mulheres se manifesta no significado de seus nomes. No caso dela, Mame é o nome que sua família escolheu ao nascer para honrar a Mame Diarra Bous mãe do Shaykh Amadou Bamba, que representa, de acordo

com Rosander (2010), um modelo ideal de mulher muride: mãe generosa e esposa submissa. E Mor também é um nome que evoca uma figura religiosa, significa Mohamed, “o último profeta na terra”, fundador do islamismo.

O casal teve uma filha em setembro de 2016 e outra em janeiro de 2019. As meninas foram registradas com dois nomes: um em wolof, a língua franca do Senegal, e outro em português. O nome da primeira filha do casal é Arame, no dialeto wolof, em homenagem à madrinha de casamento de Mor, e Maria em português. E o nome da segunda filha em português é Fátima, e Mbene, no dialeto wolof, em homenagem à mãe de Mor. Cabe salientar que na escolha do nome da segunda filha testemunhamos a consulta de Mor a sua família no Senegal para tomar a decisão, processo do qual Mame não participa, quem escolhe o nome é o pai. Além de que não revelam o nome da criança antes de ela nascer.

A escolha dos nomes das filhas mostra, por um lado, a importância que tem para os migrantes que os filhos nascidos no Brasil tenham os dois vínculos, com a cultura do país de origem e com a brasileira. Por outro, no cartório da cidade de Lajeado ao registrar os nomes exigem que o nome selecionado pela família exista no Brasil. Medida justificada como norma brasileira. No entanto, este controle no nome dos filhos e filhas de estrangeiros nascidos no Brasil pelo setor público da cidade de Lajeado não ocorre em metrópoles brasileiras como Rio de Janeiro, onde os nomes de origem muçulmana são comuns entre a população, em decorrência do amplo fluxo migratório de libaneses e sírios. Este fato, à luz das teorias de Jardim (2017), indica como o controle público do nome dos filhos de migrantes que nascem no Brasil não tem enquadramento prévio na agenda política brasileira, a situação demanda respostas institucionais.

Através de Mor e de Mame conhecemos a situação dos membros do contingente migratório de senegaleses em Lajeado. A maior parte é composta por homens jovens que viajaram para o Brasil enquanto suas mulheres permaneceram no Senegal. A “dialética entre mobilidades e imobilidades é um dos aspectos que demarca a inserção dos migrantes africanos em América Latina” (Marinucci, 2019, p. 8). Para refletir sobre o assunto sustentamo-nos nas teorias do paradigma da mobilidade de Salazar e Glick-Schiller (2014), e postulamos que neste contexto as relações de gênero são transnacionais.

Conforme apontam os mencionados autores, há pessoas que participam da migração sem sair do país natal e outras migram. Desta perspectiva, as pessoas e as práticas culturais não estão circunscritas a um único território, mas conectadas a diversas redes espaciais e com vínculos temporais. A mobilidade e a permanência são categorias espaciais inter-relacionadas, em vista de que elementos da mobilidade estão presentes em situações de imobilidade e vice-versa. Nesse sentido, não

se trata de contrastar a permanência e a mobilidade senão de refletir acerca do que se mobiliza e do que permanece ao mapear as relações de gênero como uma mistura complexa de estabilidade e de movimento. Misturas observadas em práticas sociais, não assumidas a priori, mas em função de que a mobilidade é geográfica e social. O paradigma das mobilidades permite discernir sobre as relações entre mobilidade física e social e assinalar que a concepção da migração como mobilidade física está estreitamente vinculada à promessa de mobilidade social. Neste paradigma nos inspiramos para pensar diversas configurações das relações de gênero na experiência migratória dos senegaleses.

Algumas mulheres participam da migração ficando no país de origem onde atuam como suporte de outros membros da família, principalmente os mais vulneráveis, como as crianças e os idosos, e tomando conta dos bens materiais da família, da casa e em alguns casos dos empreendimentos econômicos. Ao mesmo tempo representam o suporte emocional dos que migram. Esta divisão dos homens e das mulheres atuando em territórios diferentes, no país migratório e no país de origem, respectivamente, evidencia uma preocupação dos homens em que a mulher não conviva com as precariedades que o migrante enfrenta quando se mobiliza fora do país de origem, “como dormir no chão, passar fome e dividir o mesmo teto com inúmeras pessoas”, é a fala de um senegalês para explicar as razões pelas quais o contingente feminino entre os migrantes senegaleses no Rio Grande do Sul é reduzido. Consideram que o normal é a migração das mulheres que se reúnem com seus maridos ou irmãos no Brasil (Gonçalves, 2019). Estas ponderações sobre a migração das mulheres têm um significado cultural iminente à ideologia religiosa muride, o lugar da mulher é do lado da família, é malvista a migração autônoma das mulheres. Das mulheres casadas se espera que não trabalhem fora de casa nem viagem independentes de seus maridos, e das mulheres solteiras, viúvas ou divorciadas, se espera que se vão sair de casa o façam acompanhadas por um homem vinculado à família (Rosander, 2010; Sakho et al., 2015).

A obrigação dos homens senegaleses que migra na posição de maridos, irmãos ou pais, consiste em enviar para o Senegal todo mês remessas de dinheiro que cubram as despesas das unidades domésticas e a manutenção da “casa”, na qual convivem pessoas de várias gerações, e dos empreendimentos, quando os têm. Se os maridos possuem documentação como residentes no Brasil e condições financeiras, visitam as famílias no Senegal. Um caso que ilustra essa situação é Bouba, o amigo de Mor que mora na mesma casa dele. Em setembro de 2018 foi para o Senegal a visitar sua família e ficou dois meses, não ia desde 2012, ano em que migrou para o Brasil. Ao voltar ao Brasil, depois da estadia no Senegal com a família, Bouba veio com a intenção de trazer a esposa do Senegal, mas por problemas burocráticos está desistindo. Ele procura auxílio jurídico para romper o vínculo

formal de união estável que tinha com a brasileira, com a ideia de trazer a esposa do Senegal, com quem tem dois filhos.

O casamento a distância com um senegalês na diáspora é outra das práticas nas quais se percebe a participação da mulher senegalesa no projeto migratório sem se movimentar para fora do país de origem. Aos casamentos através de fronteiras acedem os senegaleses quando têm acumulado certos capitais que os posicionam aptos para casar e se reafirmar na vida adulta (Espiro, 2019). A união é celebrada em rituais de casamento realizados sem a presença física do noivo, mas com a participação da família do noivo no Senegal. Acerca dessa experiência tivemos conhecimento por um senegalês que mora em Lajeado e casou em setembro de 2017 a distância, seguindo os preceitos islâmicos. Ao narrar seu casamento disse que o celebrou no Brasil fazendo uso da comunicação virtual enquanto a noiva estava no Senegal.

Um ano depois, em agosto de 2018, viajou, estava com os recursos financeiros necessários para visitar a família no Senegal. É uma viagem que, segundo as narrativas, precisa de muito dinheiro não apenas para comprar as passagens senão também para cobrir as despesas da família durante o período em que permaneça no Senegal, dar presentes, proporcionar comida farta, celebrar festas. Como é apontado por Sangalli e Gonçalves (2019), o movimento de idas e vindas ao Senegal é uma característica da experiência do migrante senegalês, o retorno é pré-condição para a execução do projeto migratório para muitos migrantes do Senegal. Em outros termos, “por trás de cada emigrante tem uma família que aguarda com esperança e expectativa a concretização do projeto migratório” (Ndiaye et al., 2015, p. 271). A pluralidade e a autonomia inerentes à imobilidade, colocam a espera como um momento de atividade e de potencialidade (Winters, Reiffen, 2019).

Ao conhecimento do prestígio que detém a mulher-esposa que participa desde o Senegal no projeto migratório nos aproximamos através da experiência de alguns migrantes senegaleses em Lajeado que têm sua esposa no Senegal. É frequente que muitos dos que têm esposa no Senegal estabeleçam relacionamentos amorosos com mulheres brasileiras. Nestas situações percebemos uma hierarquia nessas relações. Os relacionamentos com as mulheres casadas que ficam no Senegal são mais valorizados que os que estabelecem com mulheres brasileiras. O respeito pela mulher senegalesa que permanece em Senegal foi revelado na fala de um senegalês. Ele conta que lhe esconde a sua esposa senegalesa o fato de ter um relacionamento com uma brasileira em Lajeado, enquanto a brasileira sabe da existência de sua esposa no Senegal. A brasileira, neste caso, não é reconhecida como membro da família transnacional, mesmo que o senegalês pertença a uma cultura que pratica a poligamia.

Nas circunstâncias em que o casal senegalês envolvido num projeto migratório dispõe de capital financeiro e a mulher consegue delegar suas responsabilidades no Senegal para outra pessoa da família, se espera a atuação da mulher na condição de migrante ao lado do marido. Essa situação se assemelha ao que Sarr define como “migração de acompanhamento” (Sarr, 2012 apud Sakho et al., 2015). É o que vivenciam Mame e sua amiga Mamemor que chegou à cidade de Lajeado em 2017 para acompanhar o marido, líder dos senegaleses residentes na cidade de Garibaldi, Rio Grande do Sul. Em Dakar, ela era comerciante, administrava o negócio do esposo. Quando migrou, seus dois filhos, de treze e de sete anos, ficaram no Senegal aos cuidados da mãe. Neste caso se confirma o argumento de Winters (2014) de que a mãe (avó) representa o membro da família preferido na escolha da cuidadora dos filhos. Mamemor e sua mãe desempenham um dos múltiplos casos de “maternidade compartilhada” na experiência migratória. É um cuidado familiar transnacional que incide nas decisões contidas para a realização dos projetos migratórios, nos quais é fundamental o papel desempenhado pela família extensa.

## **ARTICULAÇÃO ENTRE AS ESFERAS REPRODUTIVAS E PRODUTIVAS**

Nas trajetórias migratórias dos senegaleses murides encontramos que nos espaços de migração, as relações de gênero se apoiam na articulação entre esferas produtivas e reprodutivas (Miranda, 2015). No que se refere à esfera produtiva, considerada responsabilidade dos homens, há participação das mulheres nos espaços migratórios. Elas auxiliam aos maridos nas despesas domésticas diárias quando eles lhes pedem sua contribuição em práticas que costumam ser desempenhadas por homens (Babou, 2008; Buggenhagen, 2012). Nos últimos anos, tem havido um aumento da atuação das mulheres em atividades econômicas, fenômeno interpretado por Rosander (2010) como um indício de que os casamentos estão passando por uma profunda transformação no Senegal. É uma mudança nas estruturas familiares tradicionais (Heredia, 2017; Gonçalves, 2019). Esse envolvimento das mulheres nas atividades econômicas do marido é constitutivo das relações de gênero entre senegaleses em Lajeado. Contudo, na divisão de tarefas entre homens e mulheres, a atuação da mulher é maior na esfera doméstica do que na pública. São encarregadas da limpeza das casas, lavagem das roupas e preparo dos pratos da culinária senegalesa que os aproximam simbolicamente ao país de origem.

Os dados empíricos coletados sobre a relação entre Mor e Mame a partir da Casa Bamba evocam diversas situações nas que as esferas produtivas e reprodutivas se articulam às relações de gênero. A curta distância entre o local de residência e de trabalho do casal evidencia essa articulação. São umas três quadras de distância entre o local da Loja Casa Bamba e o apartamento onde reside a

família, distância que permite a interconexão entre as atividades nesses espaços. Em casa, Mame prepara o café Touba oferecido para clientes e visitantes na Loja acompanhado de biscoitos e/ou balas. O casal circula pelos dois espaços, sendo maior a atuação de Mor na Loja e a de Mame em casa tomando conta das crianças, quando não estão na creche, e dos afazeres domésticos.

Mame participa do empreendimento econômico Casa Bamba que o marido administra de diversas formas. Sua atuação quando ele está presente na Loja difere de quando está ausente. Nas ocasiões em que Mor está, Mame fica sentada atrás do balcão numa cadeira recuada, tecendo gorros de lã usados por afrodescendentes, os quais são vendidos na Loja e nas feiras em que Mor participa e, às vezes, comprados pelas mulheres haitianas que moram em Lajeado para cobrir o cabelo. Já quando Mor não está na Loja, porque sai para fazer diligências na cidade, ou nos finais de semana em que ele vai vender nas feiras municipais, Mame fica encarregada da Loja. Ela ocupa a cadeira onde Mor costuma se sentar atrás do balcão, vende mercadorias e serviços, e faz cobranças aos clientes que pagam em prestações. Temos percebido nesses casos a presença de um conterrâneo que a acompanha.

As feiras de que Mor participa ocorrem em diversas cidades do Rio Grande do Sul, sobre as quais ele toma conhecimento contatando aos coordenadores desses eventos. Sobre esses negócios Mor comenta que nem sempre são rentáveis, as vezes deixa de ir porque as despesas não compensam os ganhos. “Gasta mais do que ganha”, afirma. Nessas feiras encontra com senegaleses que moram em outras cidades e estados brasileiros e negocia mercadorias com eles. Participa de feiras renomadas em Lajeado como a Expovale. Na edição de 2018 estiveram Mor e um amigo, em sua avaliação não teve prejuízo, nem ganhou nem perdeu. Houve uma época em que viajava praticamente todos os finais de semana para municípios diferentes do Rio Grande do Sul para vender os produtos nas feiras municipais, e no final de ano, no período de férias de verão, passava temporadas em municípios do litoral como Capão da Canoa, mas depois que nasceu a segunda filha não viaja para não deixar a esposa e as filhas sozinhas. Outra mudança acontecida na divisão de tarefas entre o casal a observamos em dezembro de 2019. Mame vende mercadorias na calçada de uma das principais ruas do centro de Lajeado. Prática que realiza acompanhada do bebê que deixa no carrinho dormindo ou num saco em suas costas. Acerca do evento Mor comenta que assim a filha (de onze meses) vai aprendendo o ofício.

O poder de Mor na relação com Mame na esfera produtiva o manifesta ao se colocar como seu chefe. Disse que depois do nascimento da filha Mbene, Mame vai ficar quatro meses em casa, sem trabalhar na Loja, “o mesmo tempo que as lojas dão”. Argumenta que enquanto ela estiver em casa, ele não pode participar das feiras como costumava fazer até dois meses antes da filha caçula nascer. Nessa experiência migratória se percebe que a atuação da mulher se fundamenta em uma desigualdade

de gênero instituída culturalmente pelo muridismo. No âmbito do qual, a divisão entre os sexos está na “ordem das coisas” (Bourdieu, 2003, P. 17). Mostramos também, em diálogo com a literatura do assunto, que a realidade das mulheres migrantes senegalesas em Lajeado lembra a trajetória de senegalesas em outros contextos migratórios.

A amiga de Mame, sua conterrânea, Mamemor, desde que chegou do Senegal, em 2017, vende no centro de Lajeado mercadorias adquiridas pelo marido: bermudas, panos de prato, objetos que o marido lhe ajuda a carregar. Nem Mame nem sua amiga falam bem português, mas conseguem contribuir no negócio dos maridos, conhecem o dinheiro e o preço das mercadorias. Elas através desta atividade complementam a renda de suas respectivas famílias. O trabalho dessas mulheres senegalesas ajuda a compor a renda necessária para adquirir a mobilidade social no Brasil (Gonçalves, 2019). Geralmente, o marido de Mamemor vende nas ruas de Lajeado em locais próximos ao da esposa para poder ajudá-la se ela precisar. Notamos que recém Mamemor chegou, o marido estava sempre por perto, dois anos depois a temos visto vendendo sozinha, quase sempre junto com o bebê que nasceu em fevereiro de 2019. Em dezembro de 2019, as duas amigas vendiam na mesma rua, cada uma numa esquina. Ambas com seus bebês de colo, com a expectativa de que em 2020 as crianças teriam vaga na creche.

Nos relacionamentos, reproduzem os códigos culturais nos quais se sustenta a vida conjugal. Mame e a amiga senegalesa não participam dos rituais religiosos como a Jornada de Kassida e o Gran Magal de Touba quando ocorrem fora de Lajeado. Elas permanecem na cidade enquanto seus maridos vão aos eventos religiosos organizados pela Federação. Quando estes rituais ocorrem em Lajeado, o protagonismo das mulheres é no preparo dos alimentos, que envolve também homens. Ao mesmo tempo, as mulheres enfrentam restrições para participar dos rituais religiosos durante o período menstrual como a leitura do alcorão e jejuar no Ramadã. Segundo a lei islâmica, a mulher menstruada é impura. As referidas limitações impostas às mulheres se refletem na inserção no mercado de trabalho, não as contratam nas indústrias de alimentos para praticar o abate Halal. Este fato lembra o argumento de Rosander (2010) acerca das restrições impostas às mulheres pela ideologia de gênero. O comportamento das senegalesas é inibido pela ideologia religiosa que enfatiza a submissão e a obediência das mulheres aos homens.

Na análise da configuração dos papéis de Mor e Mame na relação, percebemos o protagonismo de Mame quando nasceram as filhas. Nesse evento, membros da família transnacional e da comunidade diaspórica senegalesa em Lajeado e em cidades vizinhas se mobilizaram para se unirem a eles. Presenciamos o movimento quando foi apresentada Mbene, a filha caçula de Mor e Mame, no dia 13



de janeiro de 2019, 7 dias depois do nascimento. O encontro começou às sete da manhã e encerrou às 19 horas, ao longo do dia serviram comida e bebida. Homens e mulheres participaram. Os homens ficaram fazendo orações. A comida foi preparada por uma conterrânea senegalesa, amiga do casal que mora em Caxias do Sul. Os senegaleses e as senegalesas presentes vestiam trajes coloridos, típicos do país de origem. O vestido de Mame e de sua filha, Arame, foram confeccionados por seu irmão, ele os mandou por correio do Senegal, especialmente para a ocasião. Este fato revela a atuação das relações familiares transnacionais nesta experiência migratória. Corresponde ao que Salazar e Glick-Schiller (2014) chamam de campo social transnacional.

A observação das roupas nesta cerimônia traz à tona o significado dos vestidos, acerca do qual discorre Buggenhagen (2011; 2012). Conforme a autora, as mulheres usam vestidos elegantes para expor um status e recursos financeiros que lhes permitem se sobrepor a traumas de perdas e as violações intrínsecas aos nascimentos, mortes e casamentos. Ao mesmo tempo, os vestidos individualizados permitem distingui-las de outros em eventos sociais como cerimônias familiares. No Senegal, a mulher ao usar vestido exibe sua riqueza, perpassando seu poder invisível como produtora e portadora da história (Buggenhagen, 2011).

Em Lajeado, como em Nova York (Buggenhagen, 2012), nos encontros sociais e nas festividades religiosas murides, como a visita dos cheikh do Senegal, reuniões de associação, celebrações familiares e feriados muçulmanos, homens e mulheres vestem roupas especiais, e as mulheres preparam grande quantidade de comida, servida em atos de comensalidade. A esse respeito é elucidativa a celebração durante a Copa do Mundo de Futebol em 2018, no dia do jogo entre Colômbia e Senegal. Enquanto os senegaleses assistiam ao jogo num bar no centro da cidade, Mame fazia o almoço em sua casa, ajudada por um conterrâneo. Fez thieboudienne, prato típico do Senegal: peixe acompanhado de cenoura, aipim, abóbora e arroz cozido no caldo do peixe. No almoço estavam os senegaleses que moram em Lajeado e alguns brasileiros. Em situações como esta observamos que o preparo das comidas em eventos especiais é liderado por mulheres, auxiliadas por homens. Nesse ambiente elas dominam com seu “saber fazer” herdado das mães, irmãs ou avós (Gonçalves, 2019). São práticas que fortalecem os laços de amizade e dão suporte aos projetos migratórios de senegaleses. Em Lajeado, os atos de comensalidade protagonizados por Mame permitem estreitar os laços entre membros da diáspora senegalesa e de pessoas vinculadas a eles.

Mame em Lajeado exerce o papel de mediadora entre os membros da família transnacional. Utilizando a tecnologia digital se mantém conectada pelo celular com membros da família no Senegal. As ligações telefônicas e as mensagens de Mame e Mor permitem contato permanente com parentes

no Senegal que lhes dão o suporte emocional necessário para enfrentar os projetos migratórios. Observamos a emoção de Mame ao ver as fotos postadas por seus familiares, onde aparecem pessoas muito arrumadas, principalmente mulheres, com turbantes e vestidos coloridos. Fato que interpretamos com base no argumento de Rosander (2010) de que as senegalesas murides “são socializadas desde os primeiros anos de vida para manter relacionamentos duradouros com outras pessoas. Integrar o público no privado, o profano no sagrado, e a moral nas realidades da vida é uma tarefa mais feminina do que masculina” (p. 4).

Além de mediar a comunicação com a família transnacional e com membros da comunidade de senegaleses no Rio Grande do Sul, Mame e Mor vinculam práticas da cultura de origem ao contexto migratório. Em Lajeado, as mulheres, Mame e sua conterrânea Mamemor exibem em seus corpos as marcas de identidade com a cultura de origem, como o turbante colorido, as roupas e as faixas de tecido nas costas onde carregam os bebês. Segundo as teorias de Salazar e Glick-Schiller (2014), essas práticas culturais simbolizam a conexão dos migrantes com o modo de vida na localidade de origem, reconfigurada no local onde se estabelecem. A mobilização não é apenas de pessoas, mas de representações sociais acerca de práticas culturais.

O uso da língua natal, o wolof, é outro elemento que vincula os senegalesas entre si e com o país de origem. Já na comunicação com a sociedade local, as mulheres precisam da intervenção de seus maridos como mediadores, elas enfrentam maiores barreiras na comunicação em português que os maridos, ainda que eles não falem um português fluente. Mor em diversas ocasiões enfatiza a dificuldade de Mame para aprender. Apesar de fazer curso de português para estrangeiros, não passou na prova de proficiência em português.

Quando as mulheres vão ao médico, à creche, ou em qualquer espaço onde tenham que se comunicar com representantes do setor público de Lajeado, seus maridos estão junto, eles traduzem suas dores e sentimentos. Essa demanda por atendimento médico das migrantes “exige do poder público disposição para reaprender caminhos para fornecer acessos à possibilidade de resolução de problemas decorrentes da imigração e dos fluxos de vida” (Jardim, 2017, p. 201). Nas ocasiões em que Mame precisou de atendimento médico durante a gravidez, Mor fechou a Loja e a acompanhou. Assim como quando as filhas precisam de atenção médica, ele as leva.

As relações de gênero na experiência migratória de Mame e Mor indicam a falta de autonomia de Mame. Utilizando aqui o conceito de Rosander (2010), autonomia é a possibilidade de agir de acordo com formas de comportamento que podem ser contrárias a determinado sistema social, gerando espaço de manobra. A situação de Mame destoa de experiências de mulheres no cenário migratório na

condição de sujeitos autônomos (Rodrigues; Vasconcelos, 2012), como são as comerciantes senegalesas em Tenerife, Espanha, das que trata Rosander (2010). Pesquisa na qual a referida autora demonstra que quando as mulheres obtêm novas oportunidades econômicas tendem a mudar, aos poucos, a ideologia religiosa muride de gênero, que prega a superioridade dos homens sobre as mulheres. No universo empírico estudado, Mame não revela nenhuma manifestação de insubordinação explícita na relação com Mor.

### Considerações finais

Construímos esta biografia durante a pandemia do coronavírus de 2020 quando assistimos ao fechamento das fronteiras nacionais no mundo todo por medo de que a população fosse contaminada por quem viesse de fora. Esta situação pode servir de metáfora do que representam os migrantes afrodescendentes negros em contextos sociais como a cidade de Lajeado, aonde predomina a ideologia branca europeia. Eles são associados a problemas sociais e a portadores de doenças contagiosas que ameaçam com sobrecarregar o atendimento em serviços públicos de saúde.

Em Mor encontramos um migrante senegalês, personagem que consegue com grande maestria abrir brechas nas fronteiras com os Outros e o Outro. Não desiste da luta por vencer em seu projeto migratório e beneficiar ao longo do processo de crescimento a correligionários, conterrâneos, familiares, amigos e migrantes de outros países que o acompanham em sua trajetória de migrante, focado em melhorar as condições de vida de sua família e de todos os que o rodeiam.

Sua biografia é um exemplo de liderança que enfrenta uma luta diária amenizada pela fé na religião muçulmana da confraria muride, na qual se sustentam valores e práticas de sociabilidade que não apenas pregam paz senão que a irradiam. A religiosidade permeia todas as relações sociais, familiares e transnacionais da diáspora senegalesa, imprimindo uma força em sujeitos, como Mor, que permitem contra restar todos os percalços enfrentados no processo migratório.

## CAPÍTULO 2

THIAM: NOTAS DE VIAGEM DE UM  
*EMIGRANTE SENEGALÊS\**

*Tamsir Thiam*  
*Maria do Carmo dos Santos Gonçalves*

## INTRODUÇÃO

O título deste capítulo que apresenta a história de Thiam foi escolhido por ele e introduz a perspectiva que gostaríamos de adotar na coautoria da escrita neste trabalho. O presente texto foi produzido a partir de um processo de tecitura entre a pesquisa etnográfica e os relatos em primeira pessoa de Thiam. Uma narrativa elaborada com base em recordações de vida e, especialmente, de suas vivências e experiências no Brasil. Poderíamos dizer que são as *notas de viagem* de um autor que escolheu autodenominar-se *emigrante*, ou seja, alguém cuja narrativa escolhe avançar pela ótica *de um que saiu* de seu país de origem e do qual se sente parte, afastando-nos assim das construções discursivas elaboradas *sobre aqueles que chegaram* (de fora), ou como se usa categorizá-los: (i) migrantes.

Podemos dizer que Thiam resiste a auto definir-se somente um estrangeiro. Sua perspectiva é aquela de alguém que partiu de um lugar geográfico delimitado (Senegal), de alguém com raízes que se conservam e se ressignificam a partir dos desafios de seu projeto migratório no Brasil. O que determina em certo sentido o autor não é *o que se descreve dele* a partir de sua condição de estrangeiro/imigrante no Brasil, mas o que se pode dizer de “um que possui raízes em algum lugar” e que incorporou em sua trajetória *a viagem* como uma metáfora onde convergem sua origem e as vivências no Senegal com o trânsito e a permanência por um longo período no Brasil. Sendo assim, as experiências migratórias e seus tempos são tomadas como *uma parte* de suas vivências e não um ponto de partida estático. De certa forma, o modo como Thiam se apresenta força também nosso olhar de pesquisa a realizar um giro que tenta assumir, no discurso acadêmico sobre os processos migratórios contemporâneos, as vivências que precedem a migração das pessoas e as formas através das quais elas interpretam e significam suas mobilidades. Buscamos assim escapar a um certo reducionismo que caracteriza muitos estudos e pesquisas que consideram a experiência migratória dos sujeitos a partir somente de seu momento de chegada ao Brasil.

Podemos dizer ainda que, a narrativa de Thiam sobre sua história de vida humaniza também nossas construções discursivas acerca dos processos migratórios, nos quais as viagens empreendidas por sujeitos e coletivos são *uma das partes* de suas trajetórias de vida. Portanto, estas trajetórias não podem incluir por si a totalidade das vivências daqueles que, sob um ponto de vista geolocalizado, definimos como os “outros” acerca de quem pesquisamos e convenciamos categorizar de migrantes, imigrantes, deslocados, refugiados etc.

Feita essa consideração inicial, as narrativas de Thiam foram organizadas por tópicos que intitulos notas sequenciais de suas vivências. As memórias de Thiam são afetadas pela sua perspectiva presente e incorporam essa necessária abertura para compreender as migrações como parte de um projeto de vida, costurado entre os tensionamentos das dinâmicas sociais e estruturais, e os sonhos, desejos e afetos que o mobilizaram em suas escolhas. Não se trata, portanto, de uma tentativa de esgotar todas as experiências de Thiam numa descrição linear, mas de, a partir das vivências que ele descreve e coloca em relevo, dialogar com as perspectivas de estudos sobre migrações e refúgio no Brasil, a fim de aprofundar o modo pelo qual os sujeitos em mobilidade empreendem e elaboram suas vivências migratórias como uma parte importante de suas biografias. A narrativa dada em primeira pessoa tenta nos render à perspectiva de Thiam, abrindo espaço para que as inferências sobre suas vivências sejam abordadas e confrontadas com os saberes acadêmicos estabelecidos sobre aqueles que migram.

#### **NOTA 01: O MENINO SEM PAI**

Meu nome é Thiam. Nasci no dia sete de maio de mil novecentos e oitenta e sete, numa cidade muito pequena chamada *Touba Niang*, no interior do Senegal. De minha infância, posso dizer que quase não conheci meu pai, ele morreu bem cedo, quando tinha três anos de idade. Quando ele morreu minha mãe voltou para a casa de meus avós maternos e fui junto com ela, porque não tinha ninguém na família de meu pai que pudesse assumir meus cuidados. Meu pai, como é comum na cultura senegalesa, tinha duas esposas. O regime de matrimônio poligâmico no Senegal é cultural, religiosamente aceito e regulado pelo Estado. Meus irmãos, por parte de pai, eram todos muito novos, com exceção de um deles. Então, fui viver com meus avós maternos e um tio na cidade de minha mãe. Quando tinha 4 anos, minha mãe se casou de novo e foi morar com seu esposo na cidade dele. Fiquei então sob os cuidados de meu tio e avós. Ela não podia me levar junto. Fui crescendo em um ambiente rural, onde a vida era bastante dura para todos. Vivíamos da terra e do comércio daquilo que se produzia com as próprias mãos. Com cinco anos, meus avós me colocaram na escola corânica.

Frequentei essa escola até que meu tio, que havia viajado para a Itália em busca de melhores oportunidades de vida, voltou ao Senegal e pediu que minha família me matriculasse em uma escola francesa. Meu tio argumentava que não adiantava ficar sem estudar o francês e que a preparação que a escola corânica nos dava era algo que seria útil apenas no Senegal. Naquele tempo a escola corânica era algo voltado mais à formação e introdução religiosa na comunidade local, e se um dia eu quisesse viajar para outro país precisaria entender francês ou outros idiomas. Então, ele me colocou na escola francesa, mas meu avô resistiu muito. Meu avô não queria, e lembro que ele ficou muito bravo com meu tio por insistir nessa ideia. Por fim, meu tio venceu e fui estudar na escola francesa até que concluí o ensino fundamental e passei para o ensino médio. No fundamental eu estava estudando bem, nunca reprovei de ano. Mas, quando entrei no colégio francês não foi fácil, porque tinha que comprar material, uniforme etc., e meu tio não estava lá para ajudar meu avô, ele estava trabalhando na Itália, e era difícil para meu avô, era difícil também para meu tio ajudar. Mas continuei até terminar o ensino médio. Faltava só entrar na universidade. Entretanto, eu não tinha meios de entrar na universidade, parei de estudar e comecei a trabalhar na roça em tempo integral, na terra de meu avô, com o filho de meu avô. Trabalhava na roça (plantando, arando, colhendo) no período de inverno e, no verão, saía para pastorear o gado que eles tinham. Foi assim, até que completei 22 anos de idade e decidi ir para a capital, Dakar, com a intenção de trabalhar como comerciante. Eu precisava construir minha vida, trabalhar para ter minha própria terra, casa e família. Dakar era o dorado dos sonhos de quem não tinha nada ou muito pouco no interior do país e estava disposto ao trabalho duro para recomeçar uma nova vida.

## **NOTA 02: A VIDA EM DAKAR E O SONHO DO MIGRANTE**

Quando cheguei a Dakar não tinha dinheiro para começar a trabalhar no comércio ambulante, para comprar mercadorias. Então procurei uma pessoa que eu não conhecia pessoalmente, mas que meu avô tinha me orientado a procurar caso precisasse de auxílio. Contei a ele minha história, minha vida. Disse que queria começar a trabalhar e precisava de uma ajuda inicial. Ele se sensibilizou com minha história e decidiu me dar apoio me emprestando um pequeno valor para comprar as mercadorias e vender nas ruas da cidade. Comprei algumas mercadorias e comecei a trabalhar por longas horas nas ruas de Dakar. Eu comercializava material de costura para os ateliês populares de confecção de roupas. Existem centenas desses negócios nos mercados públicos de Dakar. Nesse período inicial, não tinha dinheiro para alugar um quarto, então cheguei a dormir por algumas semanas dentro de um carro velho abandonado. A partir das vendas e dos pequenos lucros consegui poupar o suficiente para alugar uma

casa com dois amigos que conheci e com os quais passei a dividir o aluguel. Descobri que eu tinha talento para trabalhar no comércio e, aos poucos, com bastante sacrifício fui reunindo algum capital. Nesse período, além de me manter em Dakar, já conseguia enviar algum dinheiro à minha família, ainda que pouco. Tentei ajudar minha mãe. Naquela época o marido dela, que era pedreiro, estava ganhando muito pouco. O trabalho de pedreiro era incerto. Às vezes ele tinha trabalho e às vezes não, e minha mãe tinha agora oito filhos, (quatro meninos e quatro meninas) e era difícil para eles dar comida e manter toda família. Ela me ligava e pedia dinheiro, mas era difícil, eu ainda não estava ganhando muito. Sofri nesse período, mas depois tudo passou. Consegui abrir uma loja e comecei a trabalhar muito bem. Nessa época, assim como fui ajudado quando cheguei em Dakar, também procurei apoiar quem precisava, dando a possibilidade de começar a trabalhar com a venda das mercadorias da minha loja. Comecei a prosperar. Passava um tempo em Dakar e outro período eu ia para o interior. Comprei meu próprio gado e criava também outros animais (cavalos e coelhos). Estava muito bem e feliz, pois estava auxiliando minha família, sobretudo minha mãe, tinha meus bens e com o tempo poderia crescer ainda mais.

Foi então que conheci em Dakar uma pessoa que passou a me contar coisas do Brasil. Ele me dizia que o Brasil era um lugar que estava crescendo bastante economicamente. Que os salários eram muito altos. Fiquei “louco”. Não conseguia parar de pensar em viajar para o Brasil. Fui até o interior a conversar com minha mãe e dizer a ela que eu queria sair do Senegal para ir ao Brasil. Lembro de minha mãe me dizer que não deveria ir e que o meu lugar era o Senegal. De fato, eu estava bem e minha mãe e família já esperavam que começasse a pensar em ter minha própria família, casar-me, ter filhos. Mas não consegui escutar nem ela nem ninguém. Dizia a eles: “Eu quero mais. Eu quero ir”. As pessoas que falavam sobre o Brasil relatavam que era muitas vezes melhor que o Senegal. Então foi assim que vendi minha loja, metade dos meus animais e investi no caminho de viagem para o Brasil. Estava muito animado e esperançoso.

### **NOTA 03: ENTRE TRAJETOS IRREGULARES E REGULARIDADES DO TRAJETO**

Uma pessoa que não recordo o nome providenciou as passagens e os documentos para minha partida. Mas, já no início da viagem para o Brasil, percebi que poderia ter sido enganado por essa pessoa que pouco conhecia e com quem, de fato, depois não tive mais contato. Voei do Senegal para Espanha. Lá tive problemas, pois não tinha visto de trânsito. Entretanto, consegui embarcar para o Equador. No Equador, vi que havia outras pessoas fazendo o mesmo caminho, ou seja, buscando o Brasil como destino. As pessoas que nos esperavam no aeroporto nos colocaram em um hotel. A

“proprietária” do hotel dizia que não podia nos liberar dali para prosseguir viagem, pois não havia recebido o dinheiro da pessoa que combinou o trajeto. Fiquei muito bravo com isso, afinal, havia pagado uma boa soma à pessoa que me vendeu o sonho de prosperidade no Brasil. Mas estando no Equador, tampouco podia me orientar para seguir viagem. Não conhecia o caminho, não falava espanhol e não sabia das distâncias. Não tinha dinheiro suficiente comigo. Então, liguei para minha família no Senegal e pedi dinheiro para pagar às pessoas no Equador para me levarem até o Brasil. Paguei e então fui colocado em um carro. Nessa mesma situação estavam outros senegaleses, mas havia também pessoas do Haiti. Então nos levaram do Equador para o Peru. Lá tivemos de nos esconder, pois não tínhamos visto. Nos levaram para atravessar por uma zona de mata. Foi muito difícil. Nos colocaram na mala de um carro. Uma das piores experiências da minha vida. Em quinze dias, chegamos à Bolívia. Lá também foi muito difícil. Se nos pegassem seríamos presos. Quando chegamos na fronteira da Bolívia com o Peru, chovia muito. Nos obrigaram a caminhar das sete horas da tarde até sete horas da manhã do outro dia, em meio à mata e sobre muita chuva. Perdi tudo nesse trajeto. Não era possível carregar nada (malas, pertences) na mata, a pé e com chuva. Tive sorte. Passei muito medo, mas depois de muito sofrimento (fome, frio, picadas de insetos, medo de morrer) conseguimos chegar à fronteira do Brasil, no estado do Acre.

#### **NOTA 04: DO “CAMPO DE REFUGIADOS” À PÉROLA DAS COLÔNIAS**

A chegada no “campo de refugiados” no Brasil no Acre foi um grande alívio. Lá fomos bem acolhidos, nos deram um lugar para dormir, alimentação, água. A maior expectativa naquele contexto era fazer a documentação, o CPF, a carteira de trabalho. No “campo” conheci outras pessoas e suas histórias, sonhos, dificuldades e esperanças. Lá havia muita gente esperando a documentação e oportunidade de trabalho. Fiquei quase um mês esperando a documentação (solicitação de refúgio), emissão do CPF, carteira de trabalho. Passada a euforia da chegada ao Brasil, a quantidade de pessoas na mesma situação, mais o cansaço da longa viagem, somados à frustração de ter perdido tudo no caminho, de ter sido enganado, a incerteza do que se encontraria no Brasil, além da dificuldade do idioma, todos esses fatos contribuíram para tornar o ambiente tenso e a espera impaciente. Desentendimento entre os senegaleses, haitianos e dominicanos era comum no dia a dia do campo. Muitas vezes o chefe do campo precisou intervir para acalmar os ânimos. Estávamos todos exaustos. Agora toda minha energia e esperança estavam direcionadas à documentação e ao trabalho, uma luz no fim do túnel de tudo o que eu tinha vivido para chegar ali.



Se chegar ao Acre, no Brasil foi um alívio, melhor ainda foi quando, por fim, surgiu a possibilidade de sair dali e buscar trabalho. Saímos em um grupo, com o apoio do governo brasileiro, em um ônibus da fronteira até Rio Branco. De lá fomos levados até Porto Velho de onde um voo nos levou para São Paulo. Nós não pagamos nada nesse trajeto. Mas, ao mesmo tempo não conhecia quase ninguém lá em São Paulo. Ali conheci uma *persona* que dizia ter conhecidos em uma cidade: Caxias do Sul. Consegui ligar e conversar com eles. Eles me disseram que em Caxias do Sul havia muito trabalho e que seria bom ir para lá. Fiquei em São Paulo esses dois dias. Peguei um ônibus e cheguei à Caxias do Sul. Viagem longa. As distâncias e o tamanho do Brasil eram para mim assombrosos. Em Caxias me indicaram procurar o Centro dos Imigrantes (Centro de Atendimento ao Migrante, CAM), onde fiz um cadastro e me ajudaram a fazer meu cartão do SUS. Assim já tinha todos os documentos, só faltava o trabalho. Lembro que cheguei lá muito magro, tinha perdido muito peso entre a saída do Senegal e a chegada à Caxias. Eu ia muitas vezes no CAM para encontrar outros migrantes e ver se havia surgido alguma vaga de trabalho. Mas a gente ia lá também para imprimir currículos e depois passava o dia andando pela cidade, batendo nas portas das firmas para deixar currículo. Quando percebi já havia se passado mais um mês e continuava desempregado. Estava já considerando que seria bom retornar para o Senegal. Mas como? Já não tinha os bens que havia trabalhado anos para conseguir no Senegal. Mesmo querendo voltar, eu não poderia naquele momento. A alternativa era ficar, trabalhar e reunir o dinheiro suficiente para recomeçar. Então, continuei a andar e distribuir currículos, fazer esforço para aprender algumas palavras a mais. O português era muito difícil, mas acho que por fim meu tio tinha razão. Saber um pouco de francês me ajudou muito naquele momento.

Um dia, um conhecido que sabia da minha situação me ligou e disse que havia uma pessoa no centro da cidade oferecendo trabalho. Fui rápido para lá para conversar com essa pessoa. Não conseguia falar ou entender português, mas o presidente da associação dos senegaleses, Abdoulahat Ndiaye (Billy), homem humilde e sempre disponível para as necessidades dos senegaleses, ajudou a fazer a tradução. A proposta de trabalho era para uma cidade do interior, próxima à Caxias, São Pedro da Serra. As condições de trabalho pareciam boas: salário, alojamento gratuito, alimentação. Ao mesmo tempo gostava de Caxias e não queria sair de lá. A percepção que eu tinha da cidade era a de uma Caxias romântica, com grandes praças públicas, grandes supermercados. No centro da cidade, a praça parecia sempre estar tão linda. Quando cheguei fiquei impressionado com a boa comida do local, as confeitarias, um mundo de muitas pessoas se movendo ao mesmo tempo, o transporte coletivo. Tudo isto me atraía na cidade de Caxias, do mesmo modo quando cheguei do interior do Senegal na grande Dakar. Infelizmente, não tive a chance de conseguir trabalho em Caxias. E precisava muito

trabalhar. Queria ficar, mas ao mesmo tempo estava angustiado por ver os dias passando no Brasil sem ter conseguido um trabalho. Então, aceitei a proposta de trabalho em São Pedro.

#### **NOTA 05: TIJOLOS E NOVOS RECOMEÇOS**

No dia em que consegui o emprego, fiquei muito contente, sobretudo, porque já havia um outro senegalês trabalhando lá há cerca de três meses. Acho que se tivesse que ir para lá sozinho, talvez não teria tido a coragem de me lançar. O trabalho era numa olaria. Para minha grande surpresa, quando cheguei lá percebi que mais da metade dos meus colegas de trabalho falavam alemão e eu não sabia quase nada de português. A comunicação era um grande desafio. Minha função era de serviços gerais, e não tinha vergonha de fazer isto. Eu trabalhava nessa função da mesma forma que engenheiros e administradores ganhavam a sua vida e, para mim, naquele momento, essa era a forma de ganhar a minha vida. Queria poder continuar a ajudar minha família e aceitei o trabalho pensando neles. Apoiar minha família e viver. Apesar das dificuldades pensava que o trabalho árduo me tornava consciente como ser humano. Tinha consciência de que precisava encontrar um modo de sobreviver no Brasil, sem precisar depender de ajudas.

Os dias passavam lentos na pequena São Pedro, mas as coisas na empresa mudaram muito rápido. Os termos acordados de modo verbal com o patrão foram se modificando. Após um mês tivemos de começar a pagar aluguel. Com três meses, nos pediram para começar a pagar água e a luz também. O almoço, ao contrário do que havia sido combinado, nós tínhamos que levar de casa. A euforia de ter conseguido um trabalho começou a se transformar em medo e incerteza. Muitas vezes pensava em deixar, mas, ao mesmo tempo, eu não sabia aonde poderia ir e precisava de trabalho para enviar dinheiro a minha família. Nós tínhamos medo de que eles nos mandassem embora se reclamássemos muito e de acabar na rua, sem casa, sem trabalho. Esse medo nos fez aceitar condições muito duras de trabalho. A esse ponto me sentia explorado.

Até que certo dia, acidentalmente bati em uma máquina e machuquei meu braço. Sentia muita dor, comuniquei ao responsável, mas me disseram para tomar um comprimido, dorflex, e voltar no outro dia para o trabalho. Tentei, mas não consegui. Voltei ao escritório para dizer que estava com muita dor. Então me levaram para fazer uma massagem e me deram mais remédios para a dor. Continuei trabalhando com dor no braço. Então o pior aconteceu. Uma pilha tijolos caiu sobre mim, atingindo justamente o braço que já estava machucado. Pedi para ir ao hospital, mas lembro que disseram ser tarde naquele dia e que o melhor era que eu fosse para casa e tomasse medicação para

dor. Meu braço a essa altura já estava muito inchado. Não consegui dormir aquela noite. Me sentei na cama e chorei de dor. No dia seguinte, fui ao posto médico. Esse foi o começo de um longo caminho que incluiu depois disso muitas idas a diferentes médicos, dois períodos longos de internação, e por fim uma seqüela da lesão que me deixou com uma deficiência no braço. Essa também foi uma longa batalha na justiça do trabalho. Batalha que perdi.

Voltei para Caxias e passei a morar com um parente que tinha vindo a morar no Brasil nesse meio tempo. Foi um longo período de readaptação. Durante um tempo fiquei muito revoltado, com a injustiça, com as seqüelas e a deficiência no braço. As limitações que antes eu não tinha. Minha vida mudou muito. Ainda moro em Caxias. Aliadas à dor que as vezes sinto ao pensar sobre minha história de vida, tenho também muito amor, amigos, aqui e lá, família, aqui e lá, esperança e fé sempre, todos os dias.

## **NOTAS DE COAUTORIA**

O relato vivo em primeira pessoa de Tamsir nos remete aos desafios que se colocam à questão migratória no contexto do Brasil contemporâneo. A história de Thiam é movida pela emoção de um menino que cresceu com a dor da ausência de um pai. Sua passagem pela escola e o papel do tio emigrado transformaram sua infância e adolescência, colocando nos horizontes de possibilidade para seu futuro, o estudo, a cidade, a independência da rede familiar, assim como o sonho de conhecer outras realidades, de mover-se. O núcleo familiar desempenha um papel muito importante nos processos migratórios dos senegaleses para a região, ou até mesmo nas migrações transnacionais. Como testemunhamos na história de Tamsir, a experiência migratória ocorre ainda na infância. O tio ao emigrar insere no seio de sua família a experiência da construção de laços afetivos que se “esticam” para além do território local. As memórias sobre as idas e vindas do tio, do modo como ele participa da vida familiar, mesmo não estando presencialmente no cotidiano de sua vida, o sucesso que o tio alcança e como este maneja seu status familiar e comunitário a partir da sua condição de migrante se tornam um tipo de medida que Tamsir usa para avaliar sua própria experiência migratória no Brasil.

Ao recorrer suas trajetórias, Tamsir relativiza sua condição factual de migrante no Brasil e nos descortina um amplo leque de experiências e vivências humanas que nos aproximam dele e, muito mais, nos ajudam a desconstruir sua “estrangeiridade”. Colocam em perspectiva as experiências de permanência no Brasil, apresentando a dinamicidade e riqueza da diversidade de vivências no Brasil.

A narrativa de Tamsir situa suas experiências de migração no contexto histórico da realidade onde ele se encontra. Existe algo do “espírito do tempo” que ele e a juventude senegalesa experimentaram na primeira década do novo milênio. Tamsir faz parte de uma parcela da juventude que vivendo em áreas rurais do país havia testemunhado em primeira mão mudanças significativas no estilo de vida, na cultura e nos meios de vida e subsistência locais. A migração se insere como um horizonte aberto de possibilidades, marcada por descobertas, ilusões, enganos, mas muitos aprendizados que reescreveram as direções e modos de organização das diásporas senegalesas em novos contextos de migração.

A chegada de Tamsir em Dakar, a passagem pelo Equador, Peru, Bolívia, o encontro com o Brasil a partir de um espaço periférico de fronteira no Acre, seu percorrido por São Paulo até a Caxias do Sul, cidade pela qual se apaixona, a difícil experiência em São Pedro do Sul se apresenta como uma cartografia que se define pela busca por trabalho, um dos eixos principais de toda sua narrativa. Ao mesmo tempo, essa cartografia se constituiu uma forma de aproximação ao mundo e às possibilidades de abertura que Tamsir foi tecendo ao longo de sua vida a partir de suas escolhas.

A chegada à serra gaúcha é registrada na memória de Tamsir com dia, data e hora: uma Quinta-feira, 20 de março de 2014, 11:30 da manhã. Ele, um *emigrante*, estava chegando naquela que compreendeu ser ao longo de suas vivências na cidade, uma - terra de *imigrantes*. Ele, Tamsir, se auto define um natural de algum lugar e descreve sua vida no Brasil estrangeirizando os outros que encontra: brasileiros, haitianos, alemães, italianos. Nessa lógica, Tamsir nos auxilia aos natos do Brasil, a reconsiderar sua história vista pelo avesso. Sob essa perspectiva, para o Tamsir emigrado, os brasileiros são os migrantes, e ele, o migrante, é natural de algum lugar. O relato sobre a viagem ao Brasil é marcado pelos estranhamentos, pelas novas sensações que o ambiente lhe oferece, por exemplo, o frio da serra. A chegada ao Brasil é marcada por incertezas, silêncios, entre as quais, o do amigo que não lhe atende as chamadas. A chegada é ainda atravessada por novas relações, a exemplo daquela dos amigos de viagem com os quais chegou e da busca por um bairro do qual até então só conheciam o nome: Desvio Rizzo. A viagem é um lugar de encontros ativados por redes de amizade e solidariedade que preenchem e enfrentam as precariedades e fragilidades da viagem. Em Caxias foi acolhido na casa do “irmão mais velho de um amigo”. A acolhida, brindada pelo irmão do amigo tinha o sabor do aconchego da família distante, que naquele contexto se materializava através da familiaridade da linguagem, dos sabores e dos afetos pela terra natal revividos no Brasil.

## CAPÍTULO 3

### O TRABALHO NA MIGRAÇÃO SENEGALESA

*Margarita Rosa Gaviria Mejia  
Maria do Carmo dos Santos Gonçalves*

A migração internacional se cimenta em elementos estruturais que, no caso do continente africano, se expressam na globalização dos mercados, desemprego, desterritorialização do capital e do trabalho, e desigualdades socioeconômicas (Heredia, Tedesco, 2015). Com foco nesse fenômeno, detemos a atenção nos migrantes senegaleses e nos deparamos com o fato de que em muitas situações migrar significa investir em conhecimento e em capital financeiro para melhorar suas condições de vida e de suas famílias. Estimulados por essa vontade, se deslocam para países que vivenciam processos de expansão econômica e tecnológica, como o Brasil em 2012, período que se apresenta como início do auge migratório dos senegaleses para o país. Contexto histórico no qual se verificou que as principais rotas migratórias para Europa e os Estados Unidos se esgotam pelo rigor no controle nas fronteiras (Tedesco, 2017; Heredia; Gonçalves, 2017).

Além das dificuldades de migrar para Europa e Estados Unidos, outro fator que influenciou o intenso fluxo migratório de senegaleses para Brasil foi a política migratória do governo brasileiro. Em janeiro de 2012, a maioria dos senegaleses chegava em situação de irregularidade e, para contornar a situação, recorriam ao instrumento jurídico da solicitação de refúgio, com validade de um ano, renovável quantas vezes fosse necessário até que o pedido fosse analisado e decidido pelo Conselho Nacional para Refugiados – CONARE (Minchola; Redin, 2015, p. 201). A condição de solicitantes de refúgio permitia-lhes requerer CPF e Carteira de Trabalho, documentação necessária para ingressar no mercado de trabalho. Os senegaleses buscam no Brasil oportunidades de trabalho e melhores condições de vida, contudo, ao chegar no país deparam-se com inúmeras dificuldades (Da Silva, et al., 2020).

Como aponta a literatura sobre migrações senegalesas para o Brasil e América Latina, 2010 é um ano em que esses fluxos de senegaleses começam a se intensificar no estado de Rio Grande do Sul, Brasil. Primeiro em Passo Fundo e depois em outros municípios do estado, como Caxias do Sul e Santa Maria, entre outros. Acerca da experiência em Caxias do Sul, grande polo industrial do estado de RS, ao qual chegaram os senegaleses, nos deparamos com uma série de barreiras que eles enfrentaram, tais como dificuldades de inserção na cadeia produtiva, discriminação nas relações com trabalhadores

brasileiros locais e condições de trabalho precárias. Os fatos que definem essa precariedade são insalubridade, jornada noturna, salários baixos, vínculo informal, situações que geraram insatisfação nos migrantes. Além disso, enfrentaram dificuldade de se ocupar em postos de trabalho mais especializados, como as atividades de motorista, pedreiro, mecânico, sapateiro, professor, ou outros tipos de ofício que acompanhavam sua formação e/ou experiências laborais em seu país de origem e que se apresentavam como funções qualificadas. Ainda que alguns senegaleses tenham se inserido no mercado formal sem dificuldades, outros vivenciaram muitas barreiras na inserção laboral, assim como manifestavam sua insatisfação com acordos verbais de trabalho não cumpridos em seus termos, descontos vinculados à saúde, previdência e questões sindicais. Verificou-se que algumas posturas que às vezes eram assumidas por pequenos grupos relacionavam-se ao desconhecimento sobre os direitos trabalhistas perante a legislação brasileira (Tedesco, 2017; Heredia; Gonçalves, 2017).

Já entre os empregadores em Caxias do Sul, os migrantes senegaleses eram identificados como trabalhadores disciplinados, qualidade que lhes foi atribuída por sua identidade religiosa muçulmana. Contudo, a visão dos empresários acerca da inserção dos migrantes no processo produtivo não era homogênea. Para alguns não são mão de obra qualificada, não reconhecem válidos os diplomas e certificados quando apresentados pelos migrantes por serem obtidos no país de origem. Enquanto outros empresários os consideram competentes para realizar trabalhos especializados como na metalurgia, fundição, soldagem, entre outros (Heredia; Tedesco, 2015).

Ao acompanharmos os estudos sobre a experiência migratória dos senegaleses no Rio Grande do Sul, vemos que a mobilidade dos senegaleses por diversos municípios do estado é frequente. Em suas interações o migrante assume diferentes papéis sociais e apoia seu empreendimento migratório nas experiências de outras pessoas, de quem ficou, de quem foi para outros países e de quem conhece no local de destino (Césaro, Zanini, 2018). Podemos dizer que os migrantes senegaleses desenvolvem a capacidade de “saber-migrar” e “saber-circular”, quer dizer, de encontrar alternativas para se mobilizar em torno de projetos migratórios compartilhados com seus núcleos familiares e/ou comunidades. Sendo que, os caminhos traçados não são fixos, mas imprevisíveis, o que também torna múltiplas suas experiências no mundo do trabalho (Espiro, 2019).

Um amplo contingente de senegaleses foi atraído para o Rio Grande do Sul devido à oferta de trabalho em frigoríficos e ao conhecimento de que o Brasil exporta frango para países árabes onde exigem a certificação Halal. Na cidade de Lajeado (RS), a inserção formal ao trabalho de senegaleses se deu através das empresas transnacionais CDIAL (Centro de Divulgação do Islam para América Latina) e CIBAL (Central Islâmica Brasileira de alimentos halal Ltda- EPP). Ambas as empresas são

prestadoras de serviços em frigoríficos sediados em Lajeado, e sua função é velar pelo cumprimento das regras na produção de alimentos para receber o certificado Halal (Mejia; Arend, 2019). Atendendo às demandas do consumidor muçulmano, as empresas oferecem alimentos elaborados conforme os requisitos legais da religião islâmica (Tedesco, 2018). A empresa que emite o certificado Halal fiscaliza toda a cadeia produtiva, a fim de que as normas e regras sejam cumpridas desde a produção até a embalagem e a estocagem. Nesse processo, as empresas exportadoras de produtos com certificação Halal, neste caso os frigoríficos de Lajeado que processam o frango, precisam estar “adaptados” às regras que envolvem tanto o processo produtivo como o abate Halal. Esse sistema de trabalho mediado pelas empresas islâmicas transnacionais estimula a mobilidade dos senegaleses, já que estes são transferidos de cidade de acordo com as demandas dos frigoríficos. (Mejia; Arend, 2019).

Entre os migrantes senegaleses se percebe que a dimensão do trabalho está perpassada também por fenômenos religiosos. Tanto no que diz respeito ao trabalho desenvolvido junto aos frigoríficos, seguindo os preceitos religiosos do Islamismo, quanto na referência ao trabalho de venda ambulante dentro das dinâmicas das Confrarias religiosas. Em diversas situações associam o processo de trabalho a uma ética religiosa, onde o trabalho é considerado libertador e purificador do caminho de redenção espiritual. No dizer de Tedesco (2018), é uma prova de sacrifício e de humanização.

A grande maioria passou a migrar internamente no Brasil a procura de melhores condições de trabalho. É, por exemplo, o caso referido por Mocellin (2015) de um senegalês que saiu de Caxias do Sul e foi para Santa Maria (RS) onde recebeu uma oferta de trabalho melhor, porque a remuneração no trabalho que desenvolvia em Caxias, numa área rural, não era suficiente para enviar dinheiro a seus familiares. Este é um exemplo da instabilidade que enfrentam os senegaleses nos trabalhos que assumem. Como a empresa onde foi contratado em Santa Maria fechou, ele trabalhou durante 6 meses na construção civil e depois passou a vender relógios e bijuterias na praça central de Santa Maria, onde os fiscais da prefeitura às vezes apreenderam suas mercadorias. De acordo com Mocellin (2015), uma das estratégias que esse senegalês passou a adotar foi de se deslocar para vender em cidades próximas nos finais de semana e no período de férias comunitárias. Após um período, ele mudou-se por um tempo para Porto Alegre para trabalhar num restaurante. Depois voltou para Santa Maria e se dedicou ao comércio ambulante. Ali encontrou outros três senegaleses que trabalhavam na construção civil e passou a complementar sua renda com vendas de relógios e bijuterias. Mercadoria fornecida por um conacional que se dedicara em tempo integral ao comércio de rua (Mocellin, 2015).

Do caso descrito por Mocellin se desprende que a experiência laboral dos senegaleses é muito flexível, sempre ajustada à busca por melhores condições de trabalho. Essas vivências são a expressão de uma experiência social coletiva, dado corroborado pelo relato de um senegalês ao ponderar que seus conterrâneos que trabalham nas ruas estão acostumados com a perseguição que enfrentam no exercício dessas atividades. “Eles possuem habilidade para recolher os produtos quando os fiscais os abordam e depois retornar para os pontos de vendas – *assim é em qualquer lugar do mundo em que realizam esta atividade* – disse ele” (Mejía; Arend, 2019, p.185). Se analisamos essa situação pelo viés de uma ética religiosa, a luta travada pelos vendedores ambulantes é valorizada culturalmente por muitos deles porque lembra a trajetória do fundador de umas das confrarias religiosas senegalesas: Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké. Bamba. De acordo com relatos de nossos interlocutores, exercia a profissão de comerciante ao ser interpelado e perseguido pelo regime colonial francês, e em sua procura por refúgio, as comunidades wolof o reconhecem um *serigne*, profeta do islã.

Espiro (2019), apoiada em suas pesquisas sobre a migração senegalesa na Argentina, acompanhou diversos percursos que definem experiências de mobilidade refletidas em bifurcações, estancamentos, retrocessos ou avanços que moldam os projetos migratórios. Ela nota que o comércio ambulante é central nas etapas iniciais das relações de trabalho destes migrantes, ao qual eles têm acesso através de redes que permitem colocar em prática um saber fazer construído nas origens. Com escasso capital e falta de domínio da língua, o comércio é a uma opção possível. A esse respeito, Zubrzycki e Alvarado (2015), em seu estudo sobre redes migratórias senegalesas em Argentina, afirmam que a maioria dos migrantes senegaleses que pertencem a etnia wolof, preferem as vendas de rua porque podem trabalhar independentes e têm maior flexibilidade com o uso do tempo e dos lugares. No caso dos que estão vinculados à rede Mekhe, ao chegar começam a trabalhar no local do pioneiro e com ele estabelecem um acordo de divisão dos ganhos entre as partes. Fazer parte desta rede permite ter acesso a conhecimento sobre como vender, em que lugares e algumas palavras básicas para iniciar a atividade. Trabalham em equipe e se colaboram entre si (Zubrzycki; Alvarado, 2015).

A venda ambulante representa um momento na trajetória, caracterizada por transições rápidas que derivam em outras práticas de trabalho que representam a possibilidade de mobilidade social por meio do trabalho autônomo ou assalariado. As diversas trajetórias desses migrantes senegaleses evocam a condição provisória dos migrantes da qual trata Sayad (1998). Conforme esse autor, o migrante é, sobretudo, uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. O trabalho é o que faz surgir o imigrante e quando este termina decreta a sua negação (Sayad, 1998).



A respeito do comércio ambulante, Rocha (2017) em sua pesquisa em Córdoba, Argentina, traz algumas contribuições teóricas relevantes. De acordo com o autor, estas atividades econômicas nas quais se inserem os migrantes são alternativas às formações econômicas hegemônicas. Trata-se da globalização de baixo, da qual participam estes trabalhadores em mobilidade com seus pequenos capitais econômicos, ativando transações informais. Alguns desenvolvem estratégias de sobrevivência no setor informal como vendedores ambulantes. Sendo a venda ambulante o último elo da cadeia de mercadorias importadas da China.

Rocha (2017) identificou categorias diferentes entre os vendedores ambulantes. Os que tem pontos de venda fixos. Para estes pontos de venda se deslocam os migrantes pioneiros que ganharam espaços em algumas ruas, avenidas ou praças. Entre eles, os que têm maior experiência costumam ser os “chefes”, que atuam na organização das relações comerciais de outros membros da comunidade, que não tem fluidez em espanhol. Uma das ações é a entrega de mercadoria como empréstimo aos recém-chegados, que será devolvida depois de um tempo. Também são eles os que decidem quanto tempo estarão em um ou outro ponto de venda e são os que negociam com as forças da ordem que controlam os espaços públicos.

Um outro olhar sobre o comércio ambulante dos senegaleses o trazem César e Zanini (2018) em sua pesquisa realizada em Santa Maria (RS). Inspirados em Marcel Mauss, os autores destacam a importância das expressões corporais dos senegaleses nas relações estabelecidas no espaço social do comércio informal da cidade. Evocando Mauss, afirmam que a corporalidade é uma aprendizagem, para cada identidade social corresponde um papel social. Processo vivenciado pelos migrantes senegaleses ao assumirem identidades na procura por inserção na sociedade de acolhida. Identidades manifestas na expressão corporal dos migrantes ao interagirem socialmente. Com foco nos vendedores ambulantes senegaleses, os autores notam que a imagem desses vendedores se define corporalmente. Entre os elementos principais dessa imagem estão as roupas e acessórios que usam, a maleta de bijuterias, as mochilas cheias de roupa, tênis, itens eletrônicos, o objeto (papelaço ou pano) usado para expor os produtos. São componentes de um espaço constituído para a interação comercial. Palco ideal da cena que representam. Os espaços de venda são de natureza fluída.

Além da atuação em frigoríficos, no comércio ambulante e como mão de obra em indústrias, os senegaleses são proprietários de negócios. Jung e Buhr (2021) tratam acerca do significado das lojas e restaurantes de propriedade de senegaleses. Negócios que evidenciam as mobilidades de seus donos e clientes, e no âmbito dos quais os migrantes senegaleses têm acesso a recursos que os ajudam a sustentar um estilo de vida móbil. Estes negócios se constituem num eixo da integração dos migrantes

e de seu uso da cidade. São estabelecimentos importantes para as trajetórias móveis dos migrantes senegaleses no Brasil, na esfera local e nacional. Quer dizer, são centrais na vida diária da comunidade senegalesa, e na conexão dos migrantes senegaleses em outras cidades brasileiras. O fato de os migrantes serem donos de seus próprios negócios e de conduzi-los eles mesmos, dá muito valor aos empreendimentos e aos empreendedores. Os quais partilham com haitianos e ganeses a experiência de serem vítimas de discriminação racial e de requererem os mesmos serviços. De modo geral, as experiências *móveis* estão entrelaçadas com infraestruturas urbanas que facilitam a manutenção de estilos de vida móveis (Jung; Buhr, 2021).

A respeito dessas infraestruturas falam Mejia e Scapin (2019) em seu artigo centrado na Loja de Mohamed em Lajeado (RS), que as autoras qualificam de espaço transnacional. Esta Loja é uma infraestrutura não oficial da migração na qual se consolidam dinâmicas de redes sociais através da mediação tecnológica. Redes das quais participam as comunidades migrantes, familiares e amigos que se encontram em seus países de origem, bem como em outros países. A Loja é um local de encontro entre senegaleses. Os quais às vezes ajudam no atendimento aos fregueses, e em outras ocasiões vendem as mercadorias da Loja no comércio ambulante de Lajeado.

Na Loja de Mohamed, as autoras percebem, além do fluxo de migrantes de diversas nacionalidades, o fluxo de mercadorias que transcendem fronteiras nacionais, intercaladas com escassos objetos artesanais feitos por senegaleses<sup>1</sup>. Na loja vende-se capinhas de proteção para celulares, bolsas, meias, luvas, toucas, roupas femininas e masculinas, tênis, perfumes, sendo a maioria dos produtos trazidos de São Paulo. Esses produtos correspondem ao que Pinheiro-Machado (2011) define como “made in China”, e fazem parte de uma cadeia global de mercadorias, dos quais poucos têm consciência de onde vem e para onde vão, objetos que demarcam estilos de vida transnacional. Mohamed, proprietário e gestor do negócio, atua como mediador das relações entre os migrantes, e dos migrantes com os elementos materiais que compõem a Loja.

## **O TRABALHO COMO UMA CHAVE DE LEITURA DAS MIGRAÇÕES SENEGALESAS PARA O BRASIL**

Ao longo do texto buscamos nos aproximar da literatura sobre as migrações senegalesas para o Brasil a partir da chave de leitura das relações e conexões laborais. O trabalho enquanto meio de vida, mas também em suas dimensões éticas, estéticas e religiosas, joga um papel central nos processos migratórios dos senegaleses da diáspora e nos múltiplos trânsitos territoriais. Da revisão da literatura

---

<sup>1</sup> É o caso do *ndiampé*, tecido usado no Senegal para tomar banho.

que vem sendo produzida sobre o fenômeno das migrações senegalesas para o Brasil e América Latina, assim como das próprias pesquisas e estudos desenvolvidos nesse período pelas autoras, coloca-se em relevo a plasticidade e a flexibilidade dos migrantes senegaleses para se adequarem às condições de oferta e demanda de trabalho no âmbito de relações marcadas por um mercado neoliberal cada vez mais agressivo. Essa, que poderíamos chamar de “plasticidade laboral”, é compreendida aqui como uma certa capacidade dos migrantes, individual e coletivamente, de mudarem suas formas e modos de produção quando submetidos à tensão ou pressão pela subsistência. Fenômeno definido como parte desse saber fazer que assegura aos migrantes senegaleses uma certa circularidade de sua força de trabalho, desencadeando em múltiplas mobilidades.

A essa perspectiva aliamos a noção de Sayad (1998) de que o trabalho, ou as demandas do sistema capitalista de trabalho, produzem e criam possibilidades de categorias de mobilidade e de migração. Ao mesmo tempo, o encerramento e as crises de certas formas de produção, como vimos de modo muito evidente no contexto da depressão econômica que se seguiu à emergência sanitária do COVID-19, também “decreta a sua negação”. Nesse sentido, é diante da negação que, no caso analisado das migrações senegalesas para o Brasil, é possível também evidenciar a agência individual e coletiva dos imigrantes que, recorrendo à propriedade de plasticidade e de circulação, passam a participar de modo criativo nos processos de produção para continuar incluídos no sistema de produção.

Nesse sentido, o presente trabalho, apresenta as histórias de vida de dois migrantes que colocam em relevo o protagonismo dos sujeitos e sua capacidade individual e coletiva de autodeterminação....

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Babou, Cheikh Anta, 2008. Migration and Cultural Change: Money, "Caste," Gender, and Social Status among Senegalese Female Hair Braiders in the United States. *Africa Today*. Vol. 55, No. 2 (Winter, 2008), pp. 3-22. Published by: Indiana University Press. <https://www.jstor.org/stable/27666966> (acesso, 1 de abril, 2019).

Bava, Sophie. De la "baraka aux affaires": ethos económico-religieux et transnationalité 'chez les migrants sénégalais mourides. *Reveu européenne dess migrations internationales*, Potiers, nº 2 , vol 19, p. 1-13, 2003.

Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Brah, Avtar. 2006, p. 341 Brah, A. 2006. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho: 329-376.

Brettell, Caroline; Hollifield, James. Introduction in *Migration Theory- Talking across Disciplines*. New York : Routledge, 2015. P: 1-29

Buggenhagen, Beth (2012). Fashioning Piety: Women's Dress, Money, and Faith among Senegalese Muslims in New York City. Indiana University. *City & Society*, Vol. 24, Issue 1, pp. 84–104, 2012 by the American Anthropological Association.

Buggenhagen, Beth (2011) Are births just "women's business"? Gift exchange, value, and global volatility in Muslim Senegal. Indiana University, Bloomington. *American Ethnologist*, Vol. 38, No. 4, pp. 714–732,

Capel, Horacio. Los inmigrantes en la ciudad. Crecimiento económico, innovación y conflicto social. *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, nº 3, 1 de mayo de 1997, 24 págs. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-3.htm>. Acesso em 10 de maio de 2015.

De Certeau, M. *The practice of Everyday Life*. Los Angeles: University of California, 1984.

De Cássaro Filipe Seefeldt; Zanini, Maria Catarina Chitolina. "Essa tá 10, mas prati eu faço por 5!": as sociabilidades para venda no comércio de rua senegalês em Santa Maria (RS). In: *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Porto Alegre, EST Edições, 2019,p. 211-245

Cássaro, Filipe Seefeldt de; Zanini, Maria Catarina Chitolina. "TEM QUE ESTAR BONITO PRA VENDER": A PRODUÇÃO SENEGALESA DE ESPAÇOS DE VENDA EM SANTA MARIA (RIO GRANDE DO SUL, BRASIL). REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 52, abr. 2018, p. 95-110

Da Silva, Caroline Arenci Glória et al. Proposição de um modelo teórico de Inovação Social para Inclusão de Imigrantes Senegaleses no Mercado de Trabalho Proposition of a theoretical model of social innovation for inclusion of Senegalese immigrants in the labor market. **Revista Capital Científico-Eletrônica (RCCe) -ISSN 2177-4153**, v. 18, n. 2, p. 118-130, 2020.

Escobar, Arturo. *Territorios de diferencia*. Lugar, movimiento, vida, redes. Popayán, Envion, 2010.

Espiro, María Luz. Trayectorias laborales de migrantes entre África e Latinoamérica: el caso de los senegaleses em la ciudad de la Plata (Argentina). In *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/ Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, vol 27, No. 56, 2019- Brasília: REMHU. p. 81-98

Feldman-Bianco, Bela. Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. *Horizontes Antropológicos*. vol. 15, n. 31, 2009, pp. 19-50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a02v1531.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2017.

Finn, Victoria. Entre el individuo y el Estado: burocracia pre y post-migratoria In *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/ Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, vol 27, No. 56, 2019- Brasília: REMHU. p. 169-178

Gamberoni, Emanuela; Fall, Papa Demba. Migrazioni senegalesi in Italia: focus femmes. In: *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Porto Alegre, EST Edições, 2019.

Glick- Schiller, Nina; Çağlar, Ayse (Eds). Introduction: Migrants and cities. In: *Locating migration: rescaling cities and migrants*. New York: Cornell University Press, 2011

Gonçalves, Maria do Carmo dos Santos. Participação feminina nos fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul. *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Porto Alegre, EST Edições, 2019.p. 193-209

Heredia, Vania; Gonçalves, Maria do Carmo. Deslocamentos populacionais no sul do Brasil: o caso dos senegaleses. In: *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Org. Tedesco, J.C and Kleidermacher. Porto Alegre, EST Edições, 2017, p. 209-228.

Heredia, Vânia; Pandofi, B. 2015. Migrações Internacionais: o caso dos senegaleses em Caxias do Sul. In Heredia, V. B. M. (org.). *Migrações Internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, p. 95-113.

Heil, Tilmann. Uma Infraestrutura Muçulmana de Chegada no Rio de Janeiro. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 26, n. 52, abr. 2018, p. 111-129.

Jardim, Denise F. 2017. *Imigração ou refugiados? Tecnologias de controle e as fronteiras*. Jundiá: Paco Editorial, 254p.

Jung, Philipp Roman. Desenvolvimento de processos migratórios do Senegal para o Brasil e suas alterações. *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Porto Alegre, EST Edições, 2019. p. 45-76

Jung, Philipp Roman; BUHR, Franz (2021). Channelling mobilities: migrantowned businesses as mobility infrastructures, *Mobilities*, DOI: 10.1080/17450101.2021.1958250 **To link to this article:** <https://doi.org/10.1080/17450101.2021.1958250>

Kleidermacher, Gisele. Aportes para el análisis de la migración senegalesa hacia Argentina y Brasil: nuevas rutas em el marco de la economía global. *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Porto Alegre, EST Edições, 2019, p. 107-132

Kofes, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: *Vida & Grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Organização Suely Kofes & Daniela Manica, Rio de Janeiro, Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 20-39

Machado, Igor José de Renó. Reordenações da Casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. Igor José de Renó Machado (Org.). *Valadares em família: experiências etnográficas e deslocamentos*; Brasília - DF: ABA, 2014, p. 30-70

Manica, Daniela. Autobiografias, memória e a narrativa biográfica de um cientista. In: *Vida & Grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Organização Suely Kofes & Daniela Manica, Rio de Janeiro, Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 40-72

Marias, Javier. *Los enamoramientos*. Penguin Random House, Barcelona, España. 5ª. Edição, 2014, p. 369

Marinucci, Roberto. 2007. Feminization of migration? Disponível em: <[http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacaodas\\_migracoes\\_roberto\\_marinucci2007.pdf](http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacaodas_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf)> Acesso em: 2 jun. 2016. *REMHU*, 15 (29), p. 5-22

Marinucci, Roberto. Migrantes africanos em América Latina. In *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/ Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, vol 27, No. 56, 2019- Brasília: REMHU. p. 7-10

Massey, Doreen. *Lugar, identidade y geografias de la responsabilidad en un mundo en proceso de globalización*. Treballs de la Societat Catalana de Geografia, No. 57, p. 77-84, 2004.

Mejía, Margarita Rosa Gaviria; Cazarotto, Rosmari T. O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. *Revista Pós-Ciências Sociais*, v. 14, p. 171, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/6452>>. Acesso em: 06 maio 2017.

Mejía, Margarita Rosa Gaviria; Simon, Renel. *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*. Lajeado: Editora da Univates, 2015.

Mejia, Margarita R.G.; SCAPIN, Marcele. A loja de Mohamed. Espaços transnacionais, práticas muçulmanas e relações de gênero entre migrantes senegaleses numa pequena cidade do Rio Grande do Sul. *REMHU. Revista interdisciplinar de mobilidade humana*. Brasilia, v. 27, n. 56, agosto, 2019. P. 139-158.

Mejia, Margarita R. G; AREND, Candida. Migrantes senegaleses em Lajeado, RS e suas conexões transnacionais. In. *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Vol. II. Org. João Carlos Tedesco. Porto Alegre, EST Edições, 2019. P. 175-192.

Miranda, Adelina. 2015. Editorial. *Revue européenne des migrations internationales*, 31(1), p. 7-14.

Mocellin, Maria Clara. Senegaleses na região central do Rio Grande do Sul: deslocamentos, trabalho, redes familiares e religiosas. In Heredia, V. B. M. (org.). *Migrações Internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, p. 115-134.

- Ndiaye, Abdou. L; GONÇALVES, Maria do Carmo; MOOJEN, Vanessa . P.; 2015. Terenga! Impressões construídas numa viagem ao Senegal. In Heredia, V. B. M. (org.). *Migrações Internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, p. 263-284.
- Pinheiro-Machado, Rosana. *Made in China: (in)formalidades, pirataria e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil*. São Paulo, Hucitec: Anpocs, 2011.
- Reiffen, Franziska. ? Pourquoi tu te mets là comme ça? Migrantes congoleñas y prácticas de haciendo-lugar em São Paulo. In *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/ Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, vol 27, No. 56, 2019- Brasília: REMHU. p. 117-137
- Rocha, Eduardo Rodríguez. Prácticas económicas de migrantes chinos y senegaleses en la Ciudad de Córdoba. E REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 25, n. 49, apr. 2017, p. 215-231
- Rodrigues, Francilene dos S.; Vasconcelos, Iana. S. 2012. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia. In: Silva. (Org.) *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec; Manaus, Papeam, p. 221-257.
- Romero, Fanny Longa. Islã, parentesco e ritual na Irmandade Mouridiyya: percursos da etnografia no contexto de imigração de africanos senegaleses no Brasil. In: *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Org. Tedesco, J.C and Kleidermacher. Porto Alegre, EST Edições, 2017, p. 275-296
- Rodrigo, Federico. Más allá de la vigilancia y el control. Políticas de regularización y migración boliviana en la ciudad de la Plata, Argentina. In *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/ Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, vol 27, No. 56, 2019- Brasília: REMHU. p. 179-196
- Rosander, Eva Evers (2010). Gender relations and female autonomy among Senegalese migrants in Spain: three cases from Tenerife African and Black Diaspora: *An International Journal*, Vol. 3, No. 1, January 2010.
- Rossa, Juliana. Seguidores de Cheikh Ahmadou Bamba: apontamentos etnográficos sobre vivência da fé no contexto migratório de senegaleses murides. In: *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Porto Alegre, EST Edições, 2019. P. 287-311
- Sakho, Pape; Diop, Rosalie; Mboup, Bara; Diadiou, Diodio. A emigração internacional senegalesa: das casas no campo às cidades litorâneas, in Heredia, Vânia Beatriz Merlotti (org.). *Migrações Internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015.
- Salazar, Noel B.; Glick-Schiller, Nina. 2014. Introduction Regimes of mobility across the globe In *Regimes of mobility Imaginaries and Relationalities of Power*. ed. Routledge: New York (USA).
- Sangalli, Lucas Sé; Gonçalves, Maria do Carmo dos Santos. Cursos migratórios e novas circularidades: migrantes da África ocidental no sul do Brasil. In *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/ Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, vol 27, No. 56, 2019- Brasília: REMHU. p. 61-80
- Sayad, Abdelmalek. 1998. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 286p.

- Seyferth, Giralda. (1995). “A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos”. *Anuário Antropológico / 93. Tempo Brasileiro*. pp. 175-203.
- Sinatti, Giulia. Migraciones, transnacionalismo y locus de investigación: multilocalidad y transición de “sítios” a “campos”. In: Solé, Carlota; Parella, Sonia; Cavalcanti, Leonardo (orgs). *Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*. Madrid, Ministerio de trabajo e Inmigración, 2008, p. 95-112.
- Soares, Maria de Jesus. 2005. A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa. In: Marujo et al (Orgs). *The Voice and Choice of Portuguese Immigrant*. Universidade de Toronto. Departamento de espanhol e português. Toronto-CA: p. 11-18.
- Sousa, Sandra Maria Nascimento. Gênero e (des)locamentos: “O céu de Suely”. *Revista PósCiências Sociais*, vol. 8, n. 16, São Luis/MA, p. 145-154, 2011. Disponível em <<http://goo.gl/jPxbhq>> Acesso em: 06 maio 2016.
- Talli, S.M. 2002. L’Emigration Internationale sénégalaise d’hier à demain. In: DIOP, M.C (Ed). *La société sénégalaise entre le local e le global*. Paris, 2002, p. 549-578.
- Tedesco, João Carlos. 2017. Apresentação Imigração senegalesa no Brasil. In: *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Org. Tedesco, J.C and Kleidermacher. Porto Alegre, EST Edições, 2017, p. 178-184
- Tedesco, João Carlos; Kleidermacher, Gisele. Introdução geral a imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares. In: *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Org. Tedesco, J.C and Kleidermacher. Porto Alegre, EST Edições, p. 9-17.
- Tedesco, João Carlos. Trabalho, religião e família: pilares do processo migratório senegalês. Apontamentos. In MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria (org.). *Migrações e Direitos Humanos: problemática socioambiental*. Lajeado/RS: UNIVATES, 2018.
- Ubel, Roberto Rodolfo Georg. 2017. Senegaleses no Rio Grande do Sul: panorama e perfil do novo fluxo migratório “África-Sul do Brasil”. In: *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Org. Tedesco, J.C; Kleidermacher. Porto Alegre, EST Edições, p. 185-207.
- Winters, Nanneke (2014). Responsibility, Mobility, and Power: Translocal Carework Negotiations of Nicaraguan Families. *International Migration Review*, 48 (2), 415-441.
- Winters, Nanneke; Reifen, Franziska. Haciendo-lugar via huellas y apegos: las personas migrantes africanas y sus experiencias de movilidad, inmovilidad e inserción local en América Latina. Introducción al dossier temático. In *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/ Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, vol 27, No. 56, 2019- Brasília: REMHU. p. 11-33
- Zubrzycki, Bernarda; Alvarado, Lina Fernanda Sánchez. Redes y proyectos migratorios de los senegaleses en Argentina. *Cuadernos Ceru*, v. 26, n. 1, p. 69-84, 2015.



ISBN 978-655376272-5



9

786553

762725